



REVISTA JUNG MARÍLIA

Vol.1 Dez/2018





v.1 dez. 2018. Marília, SP
Versão online ISSN: 2763-8456

“Parece que o consciente flui em torrentes para dentro de nós, vindo de fora sob a forma de *percepções sensoriais*. Nós vemos, ouvimos, apalpamos e cheiramos o mundo, e assim, temos consciência do mundo. Estas percepções sensoriais nos dizem que algo *existe* fora de nós. Mas elas não nos dizem *o que* isto seja em si. Isto é tarefa, não do *processo de percepção*, mas do *processo de apercepção*.”

Carl Gustav Jung



v.1, dez. 2018
Marília, SP

A Revista Jung Marília (RJM) visa compartilhar o conhecimento científico de diversos temas e áreas relacionados à psicologia analítica e convida os interessados em colaborar com ensaios científicos, artigos de revisão, estudo de caso ou resenhas.

O manuscrito submetido deve seguir as normas de publicação especificadas ao final da revista.

Corpo Editorial

Eneliz Mafalda Capellini

Marie Oshiwa

Patrícia Ferraz Braz

Comissão Científica

Mariana Harumi S. Fujikawa – Faculdade Sudoeste Paulista, FSP, SP.

Mychele Capellini Moris Taguchi – Prefeitura Municipal no CAPS AD de Indaiatuba, SP.

Versão online ISSN: 2763-8456



A Revista Jung Marília (RJM) é um veículo de divulgação científica publicada pela Clínica e Centro de Estudos Junguiano (CCEJ).

Sumário

| | |
|--|----|
| Nota Editorial | 4 |
| <i>Introdução: UMA BREVE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA NO BRASIL E EM MARÍLIA, SP, ATRAVÉS DA CCEJ-MARÍLIA.....</i> | 5 |
| TAROT COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA POSSÍVEL AO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO | 10 |
| A DOR SILENCIADA NO ABUSO SEXUAL: uma ferida invisível | 35 |
| ADOÇÃO: aspectos jurídicos e analíticos | 53 |
| COACHING COMO PROCESSO TRANSFORMADOR: do sonho a realização..... | 66 |
| EGO&SELF – Amor e Ódio no estudo de caso | 78 |

Nota Editorial

Esta é a Revista Jung Marília em seu primeiro número.

Sua origem reside em solo fértil desde 1993, buscando conhecimento da Psicologia Analítica de Jung, na cidade de Marília através de grupos de estudos. E agora, depois deste tempo amadurecendo e aproximando trabalhos em conjunto, torna-se possível a edição desta revista.

Num ensaio um tanto tímido acompanhado da força criativa, dedicação, empenho dos integrantes, brota desta sementeira as primeiras fortes mudas e futuras árvores. Ádua etapa de trabalho marcada pela excelência profissional, áreas afins, simpatizantes à teoria chegam marcando o tempo, o espaço, a construção desta história.

Este percurso visa a ampliação do pensamento junguiano e uma passagem coroada de ideias e contribuições com a participação ativa da Filosofia, Artes, Psicologia Jurídica, Organizacional, Política Pública, Religião e demais assuntos pertinentes a proposta com perspectivas simbólicas expressivas, em favor da ampliação da consciência no indivíduo.

Por estas afirmações, esta revista é “Revista Jung Marília”. Buscando a compreensão da realidade e aproximação simbólica nos norteamos através das características do pensamento sempre presente e vivaz de Carl Gustav Jung através de suas obras.

Agradecimentos ao frutífero trabalho dos Autores, Comitê Científico, Editores Responsáveis.

Esperamos de Você, leitor, que através do olhar curioso, mãos sensíveis, escuta seletiva, visão a nos iluminar, participem conosco na descoberta de novas cores a tatearmos neste projeto, infinitos locais da Psicologia Analítica.

Editores

Introdução:

UMA BREVE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA NO BRASIL E EM MARÍLIA, SP, ATRAVÉS DA CCEJ-MARÍLIA

Esta oportunidade de levar a Psicologia Analítica no primeiro número da Revista Jung Marília oferece um espaço para deixar aqui o feliz contato da trajetória junguiana brasileira para além clínica junto às diversas possibilidades terapêuticas, auto curativas, áreas afins e público em geral.

As ideias de Carl Gustav Jung chegaram ao Brasil em 1946, através da bela alma humana da Dra. Nise da Silveira (1905-1999). Principal pioneira, a psiquiatra alagoana formada pela Universidade da Bahia, principiante no então hospício da Praia Vermelha, junto aos internos no Hospital do Engenho de Dentro do Rio de Janeiro, ousou propiciar a atividade criativa como parte do tratamento dos “clientes” psicóticos, como os denominou. Com o propósito de estimulá-los a se expressarem e se comunicarem através da arte adotou a conduta sedativa na então fundada Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (Stor).

Em 1952, ocupada com os cuidados ao ser humano em crise, com sensibilidade extremamente exposta, e com o propósito de ajudá-los, ela inaugurou o Museu de Imagens do Inconsciente (MII); esta decisão contribuiu primeiramente para com a dor mental destes indivíduos; para a área da saúde mental e, posteriormente, tornou-se aberto ao público, ajudando a entender e aprender que o psicótico é um ser humano com extremas necessidades e cuidados protetivos.

Este espaço evoluiu para um centro de estudos e pesquisa. Com este gesto, a Dra. Nise comunicou quão sutil, frágil e forte a alma conflitada se apresenta diante do sofrimento psíquico. Encontrou na realização estética, o brilhante caminho para o inconsciente tratando com merecido respeito os conteúdos de dor e amor expressados através das telas, tintas e argila. Na melodia do entendimento e entendido; do compreendido e da compreensão amorosa, a respeitada exposição do conteúdo interno nas cerca de 350 mil produções dos ateliês, não como arte plástica e sim como plasticidade afetuosa, discursou sobre o valoroso segredo da alma na força das imagens. Parte deste acervo, no ano de 2000, foi apresentado em SP na mostra Brasil 500 anos.

Percorrendo incansavelmente este trajeto clínico, em 1954 a Dra. Nise, através de estudos, chega aos escritos de C. G. Jung. Maravilhada, percebeu que traçara um caminho idêntico ao dele na descoberta do Inconsciente Coletivo e ao Conceito de Arquétipo. Imediatamente, reuniu fotografias de algumas imagens circulares e escreveu para Dr. Jung atentando a possibilidades daquelas figuras, simbolicamente, representarem o arquétipo do Self, visto que Jung as descrevia como *mandalas*, cujo atributo seria de função integradora da personalidade.

Em 1955, Dra. Nise iniciou um grupo de estudos informal sobre C. G. Jung e, posteriormente, reuniu diversos profissionais com semelhantes objetivos para os interesses de compreensão no campo psíquico que culminou, em 1969, com a formalização deste grupo.

Envolvida com o resgate da dimensão humana, junto aos então denominados “loucos”, e compreendendo a necessidade da readaptação social do psicótico buscou como recurso a arteterapia na capacidade deles em se expressar através das imagens próximas de mitos, lendas, pessoas. Observando entre os

diversos pontos comuns explicitados entre indivíduos, em sua maioria analfabetos, produzindo imagens circulares e quaternárias carregadas de verdades milenares, ela compreendeu a veracidade da técnica integradora no potencial criativo para o contato com a psique daqueles clientes. Com esta fundamentação, fundou a Casa das Palmeiras.

Em 1956, convidada por Dr. Jung foi estudar, no Instituto de Carl Gustav Jung, em Zurique.

Em setembro de 1957 convidada para participar do II Congresso Internacional de Psiquiatria e apoiada pelo Centro Psiquiátrico Pedro II, do Rio de Janeiro e do Ministério da Saúde, a Dra. Nise seguiu para Suíça com mais de duzentas pinturas de clientes psicóticos do Engenho de Dentro demonstrando as evidências da teoria junguiana sobre o conceito de Inconsciente Coletivo. Naquela ocasião realizou estágio de especialização no Instituto Carl Gustav Jung em períodos de 1957 a 1958, depois em 1961 e 1962, supervisionada por Marie-Louise von Franz, continuadora dos trabalhos de Jung.

Nise deu início ao grupo de estudos junguianos, em 1954, na Casa das Palmeiras e o formalizou em 1969. Em 1965 a revista "Quaternio" era produzida reunindo artigos de diferentes participantes dos encontros. A última edição publicada em 2001 foi em homenagem à Dra. Nise, após sua morte. Este grupo se mantém unido, reunindo-se na Casa das Palmeiras e no Museu de Imagens do Inconsciente.

Em 2003, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) aprovou o tombamento de 128.909 obras da coleção do Museu de Imagens do Inconsciente (MII). Em 2014 foi reconhecido como memória do mundo pela UNESCO, o arquivo pessoal de Dra. Nise da Silveira. A atualização deste acervo aconteceu na 37ª edição do Programa Ocupação Nise da Silveira (2017) Itaú Cultural/SP, mostrando a renovação das estruturas mentais, através desta 37ª edição do Programa Ocupação, homenageando a trajetória, os métodos e referências dos principais conceitos da Dra. Nise da Silveira e ainda o afeto apresentado com os animais terapeutas.

Carlos Byington, do Rio de Janeiro, convidado a participar do grupo de estudos da Dra. Nise, também foi para Zurique de 1960 a 1966 realizar sua formação e, na volta passa a difundir a Psicologia Analítica, como analista na sua perspectiva simbólica.

Em São Paulo, 1968, a Psicologia Analítica enraizou-se na Pontifícia Universidade Católica (PUC) através do psicólogo belga Leon Bonaventure.

Em 1970 formou-se um grupo de estudos de psiquiatras formados pela Escola Paulista de Medicina e que passaram por análise de Bonaventure e, em 1974 se reuniam semanalmente para estudar as obras de Jung. São eles: Glauco José Rizzardo Ulson, Carlos Roberto Martins Lacaz, Iraci Galiás, Nairo Souza Vargas, Mery Roseblit, José James de Castro Barros e Frederico Lucena de Menezes.

O centenário de nascimento de Jung, em 1975, foi comemorado com exposições, palestras, no Museu Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu de Arte de São Paulo. Os conferencistas foram Leon Bonaventure, Jette Bonaventure, Arthur Sales, Glauco José Rizzardo Ulson, João Moura Matta, Pethö Sandor, Hélio Pellegrino, Carlos Byington, Carlos Roberto Martins Lacaz e Samuel Foro.

No mesmo ano, a obra de Jung esteve presente através de palestras em Ribeirão Preto, Curitiba e Belo Horizonte.

Em 13/03/1978, foi fundada, reconhecida e aprovada no VII Congresso Internacional de Psicologia Analítica, a Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica (SBPA), cujos membros analistas fundadores foram Iraci Galiás (SP), Carlos Roberto Martins Lacaz (SP) Nairo de Souza Vargas (SP), Glauco Jose Rizzardo Ulson (SP), Mery Roseblit (SP), Maria de Lourdes Felix Gentil (SP), Walter Fonseca Boechat (RJ), Carlos Byington (RJ) e José James de Castro Barros (BH).

A SBPA mantém suas atividades até os dias atuais, com formação e base nos conhecimentos teóricos analíticos.

Recontando e reescrevendo a história da Psicologia Analítica Junguiana transitou até aqui pela mente e arte. Seguindo mais um caminho sadio do trajeto do Dr. Jung em terras brasileiras, estes se cruzam com a Cinesiologia Psicológica através de Pethö Sándor (1916-1992).

Formado pela Faculdade de Medicina de Budapeste, ginecologista húngaro, chegou ao Brasil em 1949 e foi trabalhar como laboratorista na Nitroquímica, em São Miguel Paulista. Seu primeiro consultório esteve na Rua Augusta e, posteriormente em Perdizes, na cidade de São Paulo. No mesmo período, iniciou como professor, no curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras São Bento, filiada a PUC-SP, convidado a ministrar o primeiro curso de Relaxamento aberto ao público, pela docente Dra Mathilde Neder. O conteúdo foi publicado no Boletim de Psicologia em 1969 e, em 1974 transformado em livro “Técnicas de Relaxamento”.

Em 1971, como professor nas matérias de Integração Psicofísica e Psicologia Profunda dentre várias disciplinas, fez várias traduções particulares dos “Seminários das Visões”, de Jung, e promoveu espaços de rodas de conversas sobre as Obras Completas que, neste tempo, não estavam traduzidas para o português. Envolvido pela teoria analítica, desenvolveu a Terapia dos Toques Sutis e a Calatonia.

Como conferencista, em 1975 esteve nas comemorações do centenário de C. G. Jung, em São Paulo.

De 1977 a 1980 esteve como subcoordenador no curso de psicologia da PUC. Neste período, uma semente de sua formação desponta. Rosa Maria Farah ex-aluna do Dr. Sándor e, agora, docente no mesmo curso, introduziu o ensino da Calatonia nas disciplinas em que ministrava. Em 1993 esta proposta entrou para a grade curricular como “Integração Psicofísica” e, assim permaneceu, como conteúdo da Psicologia Analítica, mantendo a proposta original de Dr. Sándor.

Dr. Sándor lecionando no Instituto Sedes Sapientiae no curso de Terapia Motora, com a matéria de Cinesiologia Psicológica contribuiu com a formação da revista “Hermes”, em 1996. Os conteúdos e os conceitos da psicologia analítica eram ministrados em “Psicoterapia de Orientação Junguiana Coligada a Técnicas Corporais” e, em 2001, passaram a denominação “Jung e Corpo”, no formato de revista. A partir de 2009, após a morte de Dr. Sándor estas atividades permaneceram através de ex-alunos e profissionais de seu grupo de estudos.

A Psicologia Analítica foi trazida para Marília/SP, em 1991, pelos toques sutis das mãos da querida Mestre Joanese Murata, docente na UNIMAR – Universidade de Marília. Nascida em 23/03/1945, presente e participante neste

valeroso momento, contribui para esta primeira revista num vivaz depoimento de amor à história da psicologia, à pesquisa, à profissão, aos ex-alunos, aos clientes e a comunidade em geral.

Joanese Murata, década de 70, tornou-se psicóloga pela PUC Campinas e pós-graduada em Psicologia, atuando durante nove anos em Psicodrama.

Ao ser indagada como e quando optou pela Psicologia Analítica, ela, sorridente, olhos brilhantes vasculhando o tempo nas deliciosas lembranças com um breve suspirar disse: *“meu feliz contato com Jung foi em 1979 através de um colega de classe, na época da faculdade, o Jorge Van Berard. Nove anos passados desde a nossa formação, nos reencontramos em Campinas. Ele me contou que estava estudando Jung através de uma amiga, que estava lá na Suíça, em estudos da Psicologia Analítica. Quando ele me falou de Jung e de seu trabalho, fiquei maravilhada e pensei – ‘este seria o meu jeito de viver e querer viver psicologia’”*.

Através deste amigo, em 1980, Joanese foi para São Paulo procurar a análise na abordagem analítica. Também foi estudar e fazer supervisão com Denise Gimenez Ramos até 1982. Iniciou, neste período, num grupo de estudos com Marlene Aparecida Ribeiro, em Piracicaba, onde se localizava seu consultório clínico, no qual trabalhou até 1992. Os estudos com Marlene se dão até a presente data.

Em 1984 conheceu e foi estudar com Pethö Sándor no grupo de estudos que acontecia no Sedes Sapientiae, permanecendo nos aprendizados e aprimorando conhecimentos de técnicas corporais até 1990, sendo que, em agosto do mesmo ano, foi analisada por Rosa Maria Farah.

Em 1992, Joanese se instalou definitivamente em Marília e montou o primeiro grupo de estudos no seu consultório, Clínica Moron Rodrigues, com ex-alunos da primeira turma formada por ela. Dentre eles, eu - Eneliz Mafalda Capellini, Julio Cesar Garcia Padilha, Paula D’Onófrío, Patrícia Ishikawa, Rosely Tacino Bozzo e Yeda Paula Targa Morgante. Sempre orientados e supervisionados pela mestra, os encontros eram mensais e tinham o formato de rodízio no consultório de cada um dos integrantes.

Apesar de todos estarem voltados para o atendimento clínico, ocorreu em curto tempo, um crescimento das atividades de cada um em diferentes áreas de atuação. Eu segui alimentando o formato de grupo de estudos, enquanto Joanese e Julio aumentaram as atividades na Universidade, Paula com psicopedagogia e Yeda na Psicologia Jurídica. Outros seguiram apenas pela psicologia clínica.

O grupo de estudos foi ampliando, a cada ano, alimentado por acadêmicos da Universidade. Num determinado momento em 1993, Joanese comunicou a necessidade de estar mais tempo na sala de aula e entregou o livro de Jung “Símbolos de Transformação”, sob meus cuidados e de Julio.

Entendido a responsabilidade de cuidar do celeiro do saber, ambos se debruçaram com maior afinco nas Obras Completas de Jung. Eu, nos grupos de estudo e Julio na universidade. Compreendido imediatamente o sinal da Grande Mãe, Joanese, na lição do compromisso e comprometimento, nos guiando e orientando até 1996.

Deste dedicado prazer pelo saber, nasceu a Clínica e Centro de Estudos Junguiano (CCEJ Marília), espaço físico para os encontros mensais dos

grupos de estudos, localizado em minha clínica. Este alimento, teórico e prático, circumbula há 25 anos a história da Psicologia Analítica e, vem abastecendo aos colegas de profissão, de áreas afins e, agora, principalmente você, leitor, nosso futuro agregado neste novo projeto de mútuo aprendizado.

Circumambulação significa não somente um movimento circular, mas também a marcação de uma área sagrada em torno de um ponto central. Psicologicamente, Jung a definia como concentração em um ponto, e a ocupação deste, concebido como o centro de um círculo.
(SAMUELS; SHORTER, PLAUT, 1988, p. 46)¹

Circumambulando o percurso e curso de nossa história, convido a todos que conosco estiveram, ainda antes desta que escreve, a participarem na continuidade desta edição cujo símbolo se reconhece enquanto tribo como “amig@s da alma”. Numa *urobóros* em pleno desenvolvimento e no tempo da revelação de cada momento eles e elas, os apresento: Alessandra, Alice, Ana Carla, Angelita, Cinthia, Daniela, Débora, Elaine, Gilson, Janaína, Julio, Lene (in memoriam), Maria Áurea, Maria Celeste, Mariza, Marta, Milene, Odete (in memoriam), Patrícia, Priscila, Renata, Rosângela, Rosely, Simone, Solange, Tânia, Tiago, Valéria, Vanessa, Vivian, Wladimir, Wilson.

Assim, com a CCEJ, fui cultivando horas de estudos, palestras no curso de psicologia da Unimar e USC Bauru, contribuindo em congressos; organizando e hospedando eventos pelo Instituto de Psicologia de Bauru e Região, coordenando em Marília Workshop de Saúde Mental da Associação Viva e Deixe Viver.

A partir de 2013 os Workshops foram acontecendo anualmente para alunos, profissionais das mais diversas áreas e comunidade em geral, em busca de afinar e orquestrar a construção científica tornando possível este momento especial, somado a intensa experiência pessoal, dedicação e disposição para ensinar o que aprendemos. Lembrando que conhecimento não é pessoal, mas de todos que dele precisarem para que façam o melhor e, mais feliz, aproveitamento.

Com imensa alegria em transmitir e alimentar saberes com sabores, compartilho a teoria e técnica junguiana como um amor em potencial.

Agradecimentos especiais ao Allan, Daniele, Joanese, Leonardo, Marie, Mariana, Mychele, Patrícia, Rodrigo, Wesley.

Eneliz Mafalda Capellini

Editora-Chefe

¹ SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Rio de Janeiro. Imago ed, 1988.

TAROT COMO PRÁTICA TERAPÊUTICA POSSÍVEL AO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Tiago Brentam PERENCINI¹

RESUMO

Este ensaio científico visa pensar o tarot como prática terapêutica para o processo de individuação. A hipótese que levanto e que percorro ao longo do texto é de que a retomada ética das práticas ancestrais – tais como o *I Ching*, a astrologia e, mais precisamente, do tarot – podem se constituir como ferramentas valiosas para pensarmos um campo terapêutico intimamente vinculado a ideia de *cuidado*, que foi degenerada pelas práticas disciplinares e científicas na atualidade. Esse campo de cuidados requer o flerte com o gesto de re-criar-se como a própria obra de arte, exercício profundo de atenção ao seu *daimon* interior. Construirei a minha argumentação sob dois embasamentos: O primeiro é resgatando o pensamento de C. G. Jung sobre *formas acausais* desde o Prefácio do *I Ging* [1948]. O segundo é apresentando uma literatura filosófica, tendo em vista a minha proximidade de formação acadêmica a esta tradição de pensamento, que emerge tomando a voz socrática na antiguidade para pensar um campo terapêutico desde o *daimon*, o nosso “gênio interior” que oferece sinais a todo instante. Em essência, este ensaio científico procura congrega a psicologia analítica, a filosofia e a magia não como campos disciplinares de saberes, mas sim como *gestos de cuidado* que exigem ampla atenção sobre si mesmo, para com o outro e sobre o mundo em que vivemos enquanto terapêutica possível de ser realizada no tempo presente.

Palavras-chave: Tarot, Jung, Individuação, Terapêutica, Cuidado de Si.

...destina-se afinal àqueles que bem sabem o que fazer com ele.

Carl Jung, sobre o *I Ging* [1948], (2011, p. 151)

¹ Licenciado (2012) e Bacharel (2014) em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista [UNESP] - Campus de Marília, Mestre (2015) e Doutorando em Filosofia e História da Educação no Brasil, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP/Marília. Praticante de magia desde as artes ancestrais do tarot, da astrologia e da numerologia. Membro da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação, do Grupo de Trabalho Filosofar e Ensinar a Filosofar, cadastrado junto a Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) e também do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Filosofia (GEPEF), localizado na Unesp de Marília, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Ângelo Pagni, sob vigência do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. E-mail: tiagaobp@yahoo.com.br.

Filosofia, Magia, Psicologia Analítica: aproximações pelo gesto terapêutico

Início a escrita deste *ensaio científico* com o propósito de publicação na primeira edição da Revista Jung Marília após a minha participação no VII Workshop promovido pelo Centro e Clínica de Estudos Junguiano (CCEJ), oportunidade em que profissionais de diferentes vertentes reuniram-se a fim de pensar os *desafios e travessias na Psicologia Analítica*². Durante os dois dias de intensas trocas e diálogos brotou-me o que nesse momento consigo apenas aclarar como *chamado espiritual* para participar da publicação do primeiro número deste periódico.

Sinto uma liberdade plena em poder falar sobre o campo da espiritualidade como possibilidades abertas de aprendizado desde uma Revista de vertente junguiana, espaço que suponho de maior leveza para pensar uma prática tão pouco conhecida pelo meio acadêmico ou científico como é o tarot. Tal leveza em nada desonera este trabalho da seriedade na produção de conhecimento, isto é, não é porque o tarot precede pensar por outras “lógicas” que disso não se exercita sob certo rigor analítico. Pelo contrário, a inteireza espiritual que alicerça o meu espírito sobre os aprendizados em outras vidas apenas reitera a responsabilidade que temos hoje na re-construção da atenção, do cuidado e do amor para com o mundo.

Cumprir lembrar que nesta encarnação o saber que me foi conferido até o momento liga-se à tradição filosófica, mais especificamente, a formação acadêmica na condição de agora estar concluindo o meu doutorado em filosofia da educação³ pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp, campus de Marília-SP. Somado a isso, tenho também continuado uma missão autodidata desde a magia - na prática da astrologia, tarologia, numerologia, etc. -, potência que venho desenvolvendo de outras passagens.

Entendo por magia o gesto de observação atenta sobre o próprio “si”, algo que estará para além do “eu” egóico e que supõe uma relação de íntimo autoconhecimento, experimentação e relação para com os outros (FOUCAULT, 2010). Os magos antigos – alquimistas, curandeiros, filósofos, etc. - se praticavam desde exercícios espirituais no propósito de transmutarem o chumbo em ouro, isto é,

² Maiores informações sobre o VII Workshop podem ser encontradas no site: <https://www.ccej.com.br/vii-workshop>.

³ Prefiro falar dos *campos de saberes* em letra minúscula justamente porque os tomarei menos por suas áreas academicamente montadas e mais por aquilo que suscitam em nós, que são os gestos, as im-posturas e as atitudes de pensamento e de sensibilidade.

o ódio, as angústias e as mágoas em amor incondicional, nas suas vibrações mais sutis. Para isso comunicavam-se com os planos superiores no propósito de intuírem o que estava para além dos sentidos habituais: do exercício atento do olhar criaram a clarividência, da escuta generosa advém a audiovidência, do poder tátil a outras realidades se originou a telepatia. Entendo que o meu trabalho diário desde a magia com o tarot, a astrologia e demais práticas visa essa transmutação. (MAUSS, 2002).

Devido a minha pequena proximidade com o campo de saber da psicologia, em princípio, pensei ser pouco oportuno escrever um artigo que se estreitasse à esta área, atitude que se mostrou diferente no decurso do VII Workshop, justamente por perceber mais similaridades do que divergências entre a *postura* que unem o mago, o filósofo e o psicólogo: o *gesto terapêutico do cuidado, da atenção para consigo mesmo e que se intimiza no outro*. É dessa perspectiva *gestual* que escreverei este ensaio científico.

A convocação recebida para publicar a pesquisa apresentada como o número primeiro do periódico que se inaugura ganha um intenso valor simbólico. O “um” evoca o *arcanum* (mistério, arca, segredo, origem) primeiro do tarot, que é justamente O Mago, número *yang*, ativo. Este arcano lembra o *arquétipo* de Hermes, Mercúrio para os latinos, mensageiro dos deuses que liga o interior e o exterior, o acima e o abaixo, integrando as polaridades soltas em nós. “Simboliza o poder do homem de domar e afeiçoar a natureza conscientemente, de canalizar-lhe as energias para um emprego criativo” (NICHOLS, 1995, p. 60). Em suma, o mago é aquele que inicia efetivamente o nosso processo de autocompreensão, o começo da nossa mais profunda viagem em relação aos nossos outros eus, que bem poderíamos chamar na terminologia junguiana por individuação (NICHOLS, 1995, p. 59).

O nome do mago no Tarot de Marselha, certamente o mais famoso e tradicional do mundo, é *Le Bateleur*⁴, que na tradução francesa também significa O *Ilusionista*, aquele que tem o poder de manipular tempo e espaço. Ou melhor, O mago é também ilusionista porque pode efetuar transformações e expansões na e da consciência aplicando o calor do envolvimento emocional. É aquele que inicia a descoberta da sensação, intuição, pensamento e sentimento.

⁴ Conferir *Le Bateleur*, O Mago, no Anexo I ao final deste artigo. A foto consta na consulta pelo site *Clube do Tarot*, através do seguinte endereço: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_08luna.asp. Acesso em 04 set 2018.

Parece-me que o chamado espiritual que me convoca a publicar neste *arcanum primeiro* da Revista Jung Marília cumpre exatamente a ambição de transmutar a teoria pelo sentir. Sinto que este *VII Workshop*, primeiro que tive o privilégio de participar, possibilitou a magia da integração dos quatro elementos (terra, fogo, ar e água) em cada um dos participantes que ali estiveram. Mexemos o nosso caldeirão interior e exterior, definitivamente! De antemão, agradeço aos profissionais com quem estive junto e pude intensificar os meus aprendizados sobre um campo ainda árido para mim, que é a Psicologia Analítica de C. G. Jung.

Necessito, como sinal desta gratidão, tecer uma pequena genealogia da teia afetiva que me orientou neste encontro. Recebi o convite para participar deste VII Workshop após quase cerca de um ano de estudos dentro do Grupo de Estudos nomeado *TaroAstroMito*. O nome sugere que profissionais de diferentes campos reuniram-se semanalmente na pretensão de estudar práticas heterodoxas como a *tarologia*, a *astrologia* e a *mitologia* desde a vertente junguiana⁵. Elegemos como material de estudos o livro *Astrologia e Mitologia: Seus arquétipos e a linguagem dos símbolos*, de Ariel Guttman e Kenneth Johnson (2005), mas excedemos o campo teórico na prática da análise de mapas astrais, cartas e arcanos do tarot e arquétipos evocados pela mitologia greco-romana. Em suma, com o desenrolar de nossas reuniões semanais, o grupo constituiu-se verdadeiramente em uma grande rede de afetos e isso impulsionou as trocas simbólicas e teóricas.

O interesse que gerou a minha participação no *TaroAstroMito* e que também me motiva a escrever este *ensaio científico* ocorre desde a minha prática com o tarot. Embora não se saiba com precisão a origem do tarot, a sua etimologia em diferentes raízes linguísticas - egípcio (*tar*: caminho; *ro*, *rog*: real), hebraico (*tora* – lei), latina (*rota*: roda, *orat*: fala), sânscrito (*tat*: o todo; *tar-o*: estrela fixa), chinês (*tao*: caminho, princípio indefinido) - sugere que se trata de uma prática milenar de orientação existencial e espiritual (JODOROWSKI e COSTA, 2016, p. 21). O jogo é composto por 78 cartas que se dividem em 22 arquétipos conhecidos como Arcanos Maiores devido à força que evocam, como *O louco*, *O Sol*, *a Lua*, etc⁶. As outras 56

⁵ Agradeço aos espíritos com quem cruzei nesta caminhada, por ordem alfabética: Alice Hatada Sasasaki, Dafran Macário, Débora Azinari Golmia Regazzo, Eneliz Mafalda Cappellini, Ian Tasso Gomes, Maria Lúcia Boscolli Xavier, Maria Paula Morelli, Noemia de Fátima Tasso.

⁶ Tais Arcanos podem ser vistos pelo Anexo I ao final deste artigo. A foto consta na consulta pelo site *Clube do Tarot*, através do seguinte endereço: http://www.clubedotaro.com.br/site/m32_08luna.asp. Acesso em 04 set 2018.

cartas são caracterizadas como Arcanos Menores e, por sua vez, dividem-se em quatro novas subdivisões com 10 cartas cada uma a fim de retomar a sabedoria alquímica dos elementos: Terra (corpo, sensação, trabalho), Fogo (espírito, intuição), Ar (pensamento) e Água (sentimentos). Por fim, a cada um dos quatro elementos se correspondem mais quatro cartas da Corte: Valete, Cavaleiro, Rainha, Rei.

Nesta encarnação, iniciei meus estudos teóricos e intuitivos sobre o tarot faz cerca de um ano e meio e atendo terapeuticamente com práticas que entremeiam técnicas tarológicas, astrológicas, numerológicas, pendulares e outros campos compostos pelo que convencionalmente chamamos hoje de terapias integrativas. Tais práticas aparecem agora como potências ativas que trago de outras passagens, na busca de desenvolvê-las com ética e justiça. Sei que anteriormente não o efetivei como deveria, o que permite que este aprendizado retorne a fim de que eu o possa transformar, transmutando-me. Eis o meu *karma*.

Os acontecimentos de minha existência convencem-me cada vez mais de que ninguém pode ser um “especialista” em uma prática como o tarot, por exemplo, se entendemos por um especialista aquele que teve uma formação essencialmente técnica a partir da Universidade. Por isso pouco falarei como um acadêmico. Isso porque, primeiro, tais práticas flertam ao *paradigma mágico* que é, por excelência, diferente do *paradigma científico* se tomarmos nota dos modelos cartesianos e positivistas que ainda regem a nossa concepção de ciência hoje.

Segundo e de íntima relação à primeira orientação, pois tais práticas convocam uma disciplina interior aliada aos estudos técnicos e teóricos, mas que os extrapolam, flertando com as nossas habilidades intuitivas e de íntimo desenvolvimento a partir da disposição do próprio sujeito atento a praticá-las diariamente. Em suma, a magia exige uma atitude de transformação interior que desafia a nossa compreensão acadêmica de conhecimento.

Falar sobre a intuição é não propor a ela definições conceituais, posto que se trata de um campo ainda nublado entre nós justamente porque excede tanto à razão, quanto aos sentidos habituais (visão, olfato, paladar, audição e tato). Isso quer dizer que o pensamento mágico ocorre por certa “lógica” interna, própria e também o seu estudo se pratica pelo contato com o corpo desde o afloramento dos sentidos. Por outro lado, falar de práticas como o tarot é evocar a nossa sabedoria *clarividente*,

audiovidente e *telepática*, algo que excede o campo habitual do “explicável” e “previsível”.

Ainda que os sábios antigos tivessem pleno conhecimento dessas habilidades sensoriais e psíquicas, foi o nosso “esquecimento” sobre elas que faz com que as retomar hoje recaia sobre a incompreensão e julgamento de que estamos abordando um campo meramente místico, posto a dificuldade de ser provado dentro do paradigma clássico de ciência. O ingresso no mundo espiritual, pelo contrário, nos mostra que o campo de provas deve ser expandido ao suprassensível, as verdades que os nossos olhos pouco estão habituados a perceber.

Pois bem, é desse campo inaudito pela razão que falo neste *ensaio científico*, mais ensaístico do que científico devido às motivações anteriormente apresentadas. Lembro que a temática aglutinadora da participação do grupo *TaroAstroMito* no VII Workshop foi “Karma e Dharma: ponto ao processo de individuação”. Pois bem, o meu texto de contribuição mediante a minha palestra se escreve à maneira de um *exercício espiritual* como parte de meu *próprio* processo de *individuação* à luz da magia e da filosofia. Em suma, trata-se da busca de meu *mago* interior, para lembrarmos o sentimento do *Arcano primeiro* do tarot.

Escrevo à maneira de me exercitar espiritualmente com a finalidade específica de pensar o tarot como *ferramenta* terapêutica que se aproxima das artes de cuidado. A etimologia ocidental de cuidado remonta à noção grega de *epimeleia*, que esconde em seu radical “melos” uma *melodia*, *canção-convite-chamado*. Como menciona Alexandre de Freitas, “a noção guardaria relação com um canto, mas um canto de chamada. O exemplo fornecido é o canto do pastor para fazer regressar seu rebanho ou outros pastores. Uma espécie de *canto sinal*” (2014, p. 125). Falar sobre o tarot como arte terapêutica é evocar este chamado para o cuidado de si, do outro e do mundo.

Penso que a noção do “si” estabeleça uma relação direta ao Self construído por C. G. Jung. Nesse sentido, procurarei aproximar-me da produção teórica do psicólogo suíço sempre que necessário, tomando nota das bases teóricas pretendidas nesse periódico. Particularmente, o Prefácio ao *I Ging* [1948] (2011) é o texto de maior correspondência ao tarot que tive contato até o momento. Por outro lado, as minhas bases para as leituras do tarot e das interpretações sobre o

pensamento mágico ocorrem à luz da filosofia, como séries de exercícios espirituais⁷. Veremos em que medida filosofia, magia e psicologia se misturarão como *gestos terapêuticos* no correr de minha escrita.

A filosofia em sua emergência no ocidente era muito diferente da atividade de análise e interpretações de textos clássicos ou da historiografia, como compreendida academicamente hoje. De maneira mais específica, era tomada por uma grande exercitação espiritual. A acepção de *exercício espiritual* remonta a Pierre Hadot (2011, 2012), que nos provoca a pensar a vida filosófica como uma proposta ao desenraizamento da vida cotidiana mediante práticas que favorecem uma conversão, uma mudança total de visão, de estilo de vida. Nesse sentido, a filosofia antiga se fez não em vias de uma construção teórica, mas como uma formação de si, uma maneira de viver e de ver o mundo, atrelada ao esforço de transformação da própria existência daquele que estabeleceu contato com as práticas cotidianas filosóficas. Tenho perseguido a filosofia como terapêutica partindo desse ponto de vista.

Tomando essa perspectiva, é também este ensaio um exercício espiritual. Como exercício espiritual, não se pode esperar dele um tipo de arquitetura teórica mais elevada, mas sim um relato sobre certo tipo de ver e de viver o mundo atrelado ao esforço de transformação de minha existência, como exercícios de autocuidado e resistência em face de toda política neoliberal, científica e biopolítica⁸ que rege os campos de saberes “especializados” hoje. Ferramentas que visam o autocuidado, tais como o tarot, a astrologia ou até mesmo o *I Ging*, podem indicar uma poderosa arma de atenção frente a toda a desatenção famigerada hoje. Para esta oportunidade, enfocarei o tarot.

A hipótese que aqui percorrerei é a de que a retomada ética de saberes ancestrais presentes no *tarot*, na astrologia e até mesmo no *I Ching* podem

⁷ Vale a nota de que a minha temática de pesquisa no doutorado é justamente o interstício entre a magia e a filosofia como possibilidade pedagógica.

⁸ Embora a biopolítica não seja o enfoque temático deste *ensaio*, entendo que certo posicionamento sobre o que entendo por este conceito se faz necessário. Pensar a prática filosófica na contemporaneidade associa-se ao seu campo problemático. Seguindo o diagnóstico conceitual de Javier Ugarte Pérez (2006), a precocidade da biopolítica enquanto campo de estudos ainda torna difícil a delimitação de suas características e rastreamento dos trabalhos executados. Não obstante, “o prefixo [bios] indica que se trata de disciplinas ou enfoques que tem a ver com a vida, humana em primeiro lugar, já que os empregos dos sufixos “ética” e “política” assinalam esta relação” (PÉREZ, 2006, p. 76, tradução minha). O termo remonta a Aula de 17 de Março de 1976, ministrada por Michel Foucault no *Collège de France*. Como texto, podemos rastrear o último capítulo de *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, que se intitula na versão brasileira (1988, p. 125-149) por *Direito de morte e poder sobre a vida*.

significar ferramentas valiosas de conexão à singularidade da vida. A vida é aquilo que se excede ao explicável e ao previsível da ciência (CANGUILHEM, 2009). Retomar este campo de cuidados requer o flerte com o gesto de criar-se como a própria obra de arte, exercício profundo de atenção ao seu *daimon* interior, algo suprimido pela normatividade vigente hoje.

Vale lembrar que, ao contrário do que sugere o campo científico contemporâneo, *doxa* em sua emergência grega não significava mera “opinião”, mas sim uma visão singular de mundo. Nesse sentido, práticas filosóficas, mágicas ou terapêutico-analíticas encontram um *lugar comum*, que é justamente a necessidade de *tornar-se aquilo que se é*, integrar-se, individualizar-se, tomar contato consigo mesmo, etc. Afora a conceitografia própria de cada um dos campos de saberes, o gesto de atenção sobre si mesmo em busca não apenas da compreensão, mas também da transformação daquilo que nos é desconhecido as habita.

Penso que a singularidade que se produz na *doxa* pode ser atualizada desde a contemporaneidade como um caminho para o processo de individuação. A *doxa* revela a nossa particularidade, aquilo que o nosso inconsciente tenta esconder. Jung assim o diz: “Lembremos apenas os casos de lapsos de linguagem, erros de leitura e esquecimentos, que Freud já declarava nada possuírem de acidental” (2011, p. 132). Nesse sentido, o analista suíço possibilita-nos pensar o *I Ging* como uma ferramenta que permite pensar a vida desde essa dimensão não acidental no seguinte trecho:

Ora, aquilo que somos em nosso inconsciente escapa ao nosso controle; em outras palavras: a nossa consciência acredita que é honesta e de boa fé, mas nosso inconsciente talvez saiba que, para além disto, nossa aparente sinceridade e boa fé nada mais são do que uma fachada por trás da qual se oculta o contrário. Devido ao inconsciente é impossível descrever e compreender uma pessoa e uma situação psicológica e por isso é também impossível demonstrar se tais coisas existem na realidade. (...) Em situações psicológicas individuais altamente complicadas nada se pode provar, porque sua própria natureza tais nada situações nada oferecem que possa ser submetido a repetições experimentais. Os oráculos como do *I Ging* se situam entre essas situações singulares, impossíveis de repetir. (2011, p. 133).

O processo de individuação exige uma vida não pré-formatada, implica uma irrupção de si mesmo, esgueirando-se entre o certo e o errado ditado historicamente. Isso permite intimizarmos os campos da magia, da filosofia e da própria psicologia analítica quando não as entendemos como saberes especializados

ou acadêmicos, mas sim como um *ethos*, uma disposição de frequentar as sombras de si para cuidar do outro. Uma terapêutica.

Vale o lembrete de que *maiêutica* - o método filosófico de Sócrates, convencionalmente chamado de “pai da filosofia ocidental” - encontra a sua ancestralidade nos mistérios do nascimento e da morte cultivados pelas parteiras, aquelas iniciadas na arte de *magiras*, da sensibilidade em girar o caldeirão. Maiêutica vem de *maia*, fermentação, “a arte da fermentação do espírito, da interrogação e investigação dos estados da alma. *Maiêutica* significava também encantamento, no sentido sedutor e mesmo erótico do termo” (SALIS *apud* MOLINEIRO, 2007, p. 106). Sócrates era um mago-filósofo porque sentia o chamado de ascender a algo que estava nele, mas que o excedia, vida e morte. Também era conhecido por filósofo-mago devido a sua erótica, o encantamento de ser “um homem bom de lábia, hábil em atrair a atenção dos belos jovens” (HADOT, 2012, p. 33). Sócrates cuidava de si para cuidar dos outros e por isso incitava nos outros que cuidassem também de si.

Ascese e erótica não se separam quando tornamos íntimas magia e filosofia. Ambas são práticas de cuidado que flertam ao desconhecido de nós mesmos, do outro e do mundo. Falando em termos panorâmicos, o desabrochar da psicologia enquanto ciência humana no século XIX tomou por esse “desconhecido” o nome de “inconsciente”. Em suma, penso que este texto poderá germinar a ideia de pensar o campo terapêutico também desde a psicologia analítica como uma *arte de cuidado*, menos afeito a finalidade cientificista ditada pela medicina ocidental em seu propósito de medicalização da existência ou da catalogação das paixões. Tal provocação aproxima o exercício do cuidado terapêutico ao gesto mágico da meditação, isto é, de estar atento a si mesmo para poder cuidar do outro e do mundo. Há nisso muita filosofia. O tarot pode se inserir como uma prática filosófica.

Acaso, Terapêutica, Tarot: Em busca dos sinais...

Pensar tomando como verdade o acaso e as coincidências me parece o subsolo do pensamento científico e também filosófico, que se alavanca no Ocidente a partir do *momento cartesiano* (FOUCAULT, 2010) e perdura ainda. Diferente dessa crença, um dos grandes ensinamentos que Jung nos lega é justamente o enfrentamento da noção de *acaso*, repensando-a como campo terapêutico.

Ao contrário daquele paradigma cartesiano e positivista que ainda rege os saberes acadêmicos, desde os magos antigos como Platão ou Pitágoras até a interpretação dos anarquistas místicos no século XVI, se sabia que o *cosmo* habita o campo dos aprendizados desde emergências próprias, intimamente vinculadas às eras, aos ciclos astrais, lunares, solares, etc. Não me parece fortuito que Jung retome a literatura alquímica do século XVI a fim de encontrar nela o campo simbólico que fale por si mesmo (FOUCAULT, 2008, p. 53)⁹. “Ora, um bom astrólogo pode dizer-me, em cima da buxa, os signos do zodíaco em que o sol e a lua se achavam no dia de meu nascimento e qual é o meu ascendente” (JUNG, 2011, p. 135). Em suma, o acaso deve ser pensado de outra maneira.

Entendo que Jung problematiza a noção de *acaso* devido à coragem do seu pensamento aproximar-se da alquimia, da espiritualidade em seus fenômenos pouco explicáveis e, porque não dizer, dos próprios oráculos. Sei que este meu posicionamento é ousado para alguém que não conhece suficientemente a obra de Jung para afirmá-lo. Por outro lado, eu a faço porque conheço bem não apenas a literatura filosófica antiga, mas também por minha prática desde um tipo de espiritualidade que flerta com a alquimia e, principalmente, pela prática diária da tarologia, astrologia e numerologia¹⁰.

⁹ Não é o meu propósito aqui aproximar Foucault de Jung. Até onde conheço a obra daquele, nunca foi referenciado diretamente os escritos de Jung. Por outro lado, Foucault concorda existir uma proximidade entre Nietzsche e Jung no que se refere a ideia do “si”, mais especificamente, de que os símbolos fariam por si mesmos. Essa aproximação ocorre em uma enigmática mesa-redonda no ano de 1967, após a pergunta feita por Sr. Baroni, personagem que não temos maiores referências. Vale a pena a transcrição na íntegra, ao qual Foucault apenas concorda com a extensa afirmação feita anteriormente. O enigma desta concordância se reitera à medida que o bom conhecedor da obra de Michel Foucault sabe que ele jamais concordaria com uma vasta citação sem problematizá-la. Segue a referência: “Sr. Baroni: Gostaria de lhe perguntar se você concorda que entre Nietzsche, Freud e Marx o paralelo poderia ser o seguinte: Nietzsche, em sua interpretação, busca analisar os bons sentimentos e mostrar o que eles escondem na realidade (tal como na *Genealogia da Moral*). Freud, na psicanálise, vai desvelar o que é o conteúdo latente: e, aqui também, a interpretação será bastante catastrófica para os bons sentimentos. Enfim, Marx atacará a boa consciência da burguesia, e mostrará o que existe no fundo. Embora as três interpretações pareçam estar dominadas pela ideia de que há signos a traduzir, dos quais é preciso descobrir a significação, mesmo se essa tradução não é simples e deva ser feita em etapas, talvez infinitamente.

Mas existe, me parece, um outro tipo de interpretação em psicologia, que é totalmente oposta, e que nos remete ao século XVI do qual você falou. É a de Jung, que denunciava precisamente no tipo de interpretação freudiana, o veneno depreciativo. Jung opõe o símbolo ao signo, o signo sendo o que deve ser traduzido em seu conteúdo latente, enquanto o símbolo fala por si mesmo. Se eu disse há pouco que me parecia que Nietzsche estava do lado de Freud e de Marx, creio de fato que, em relação a esse ponto, Nietzsche pode também ser aproximado de Jung. Tanto para Nietzsche, como para Jung, há uma oposição entre o ‘eu’ e o ‘si’, entre a pequena e a grande razão. Nietzsche é um intérprete extremamente agudo, e mesmo cruel, mas há nele uma certa maneira de se colocar à escuta da ‘grande razão’, o que o aproxima de Jung.

Sr. Foucault: Sem dúvida, você tem razão” [1967] (2008, p. 53, itálicos do autor).

¹⁰ Lembremos que os primeiros alquimistas eram grandes astrólogos e bem sabiam fazer das ferramentas mágicas um *modo de vida*, isto é, aquilo que se intimiza à prática ética de vida. Uma pena que essa sabedoria se encontra reificada em um *meio de vida*, que reduz a dimensão sagrada oracular a mera adivinhação em busca do autopoder ou do poder sobre o outro.

Jung oferece-nos valorosas pistas sobre a inconsistência de acaso no seu *Prefácio ao I Ging*. Contribuem para essa defesa a noção de *singularidade e regularidade*. Segundo ele:

Com o decorrer do tempo, verifiquei que havia certas conexões por assim dizer regulares entre a situação vigente e o conteúdo dos hexagramas. Esse fato é inegavelmente singular e segundo nossos pressupostos comuns não deveria ocorrer, descontados os assim chamados golpes de acaso. (2011, p. 132).

Em outras palavras, tais ensinamentos vão ao encontro de inferir que as regularidades ocorridas na singularidade de cada tiragem promovida desde o *I Ging* não se tratam de coincidências. Não são acidentais. “Parece-me, inclusive, que o percentual de acertos supera em muito qualquer probabilidade. Acredito mesmo que não se trata de acaso, mas de *regularidade*” (2011, p. 132, *italico meu*). Como, então, devemos demonstrar esta pretensa regularidade? A resposta de Jung é estarrecedora e faço questão de marca-la integralmente porque nos abrirá outro campo de pensamento. Afirma ele que:

Aqui sou obrigado a decepcionar o leitor. Esta demonstração é sumariamente difícil, se não de todo impossível, aspecto este que tenho como o mais provável. Esta constatação deverá parecer demasiado catastrófica para quem a encara de um ponto de vista racionalista, e devo contar, desde já, com a possibilidade de ser acusado de fazer afirmações levianas, falando em regularidade da coincidência da situação com a resposta do hexagrama. Na realidade, eu deveria fazer tais acusações contra mim mesmo, se não soubesse por uma longa experiência prática o quanto é difícil, para não dizer impossível, aduzir provas quando se trata de questões de psicologia. Quando deparamos com certos fatos bastante complicados na vida prática, resolvemos o problema à base de conceitos, sentimentos, afetos, intuições, convicções, etc., para cuja explicação e aplicabilidade é impossível encontrar até mesmo uma demonstração científica” (2011, p. 132).

A presente citação convida-me a pensar com calma sobre o quanto é difícil aduzir provas se estamos tratando de questões de psicologia. Isso já declina a psicologia como prática essencialmente científica, previsível e explicável. Jung parece transpor o campo da psicologia, à medida que lida com a “vida prática”, para uma analítica não possível de seguir certa matematização do verificável. O grande motivo para isso é que a psicologia se ocupa daquilo que o Ocidente nomeou *inconsciente*, ou seja, dos aspectos desconhecidos de nossa *psique*.

A psicologia como campo disciplinar pouco me interessa, confesso. Atrai-me, no entanto e substancialmente, pensar que o *gesto de escuta* exigido da parte do psicólogo pouco se pode medir a partir das ordens causais. Também a filosofia e a magia são técnicas que flertam substancialmente ao gesto terapêutico da

escuta e delas pouco se pode medir em nível de racionalização para enfrentar as questões da vida. Não podemos esquecer a lição que nos legou Jung ao afirmar que “aquilo que somos em nosso inconsciente escapa ao nosso controle” (2011, p. 133). Dito em termos literários, aquilo que está vivo não comporta cálculo (KAFKA, 1986).

Ora, não é porque tomamos consciência dos modos de vida *acausais* que defendemos o determinismo. Parece-me o oposto disso quando Jung nos lembra que, no caso do *I Ging*, é como se houvesse um “paralelismo entre o evento exterior e o interior, entre o psíquico e o físico, e que mesmo [aqueles que o consultaram] não conferindo qualquer significado ao resultado de sua consulta, declaram-se a favor de uma tal possibilidade” (2011, p. 136). A sua experiência enquanto analista mostrou que existem “curas inesperadas obtidas com terapias duvidosas e a fracassos inesperados mediante métodos pretensamente seguros” (2011, p. 136). Isto é, “o lado irracional da vida ensinou-me a não rejeitar o que quer que seja, mesmo que isto vá de encontro a todas as nossas teorias (aliás de vida tão curta) ou pareça, por outro lado, momentaneamente inexplicável” (2011, p. 136).

Embora tais citações pareçam sugerir a abordagem do princípio de sincronicidade, não entrarei na conceitografia junguiana, primeiro porque pouco compreendo do bojo geral de sua produção, particularmente a que envolve o seu conceito, mas, sobretudo, pois o próprio Jung (2007) nos alerta de que chamou a sincronicidade de *princípio experimental* por ser pouco conhecido dentro da cultura ocidental. Recorrerei, portanto, a filosofia, “mãe” do conhecimento ocidental, seara que conheço bem, a fim de pensar o campo terapêutico para além da exigência de acaso.

A emergência das ciências humanas, na qual se insere a psicologia, retoma o pensamento filosófico do século XIX, particularmente a Nietzsche, Freud e Marx. Para Foucault (1999, 2008), esta tríade lega-nos uma hermenêutica que resvala na questão terapêutica. Esta outra forma de interpretação simbólica permite pensar o *si* para além do bem e do mal, do certo e errado, verdadeiro e falso, etc. Freud enuncia que a consciência repousa na inconsciência. Nietzsche desconstrói os valores inatos de “bom” e “ruim”, encontrando neles uma genealogia ocidental que difere e muito do período arcaico. Marx lembra-nos de como os valores burgueses são assentados nas noções de Estado, Mercado e Nação e devem ser repensados. Assim como todo aprendizado retorna em nosso microcosmo a fim de ser transmutado, o macrocosmo

também enuncia as suas emergências de transformação na figura dos mestres que encarnam. As vozes do século XIX parecem apontar para o que esquecemos, a saber, nós mesmos, a nossa prática de conexão interior, ou, se desejarmos, a retomada do nosso *Self*.

Foucault alerta-nos de que Nietzsche, Freud e Marx não multiplicaram os signos no mundo ocidental, mas apenas “deram um sentido novo a coisas que não tinham sentido. Na realidade, eles mudaram a natureza do signo e modificaram a maneira pela qual o signo em geral podia ser interpretado” (2008, p. 43). Nietzsche conferiu à palavra “psicologia” a necessidade de o intérprete interpretar a si mesmo, aquele que não pode deixar de retornar a si mesmo (FOUCAULT, 2008, p. 49). Lembra Foucault que:

Em oposição ao tempo dos signos, que é um tempo do fracasso, e em oposição ao tempo da dialética, que, apesar de tudo, é linear, há um tempo da interpretação, que é circular. Esse tempo é, certamente, obrigado a passar novamente por onde ele já passou (...). A morte da interpretação é acreditar que há signos, signos que existem primeiramente, originalmente, realmente, como marcas coerentes, pertinentes e sistemáticas (2008, p. 49).

Freud, por exemplo, não interpreta signos, mas interpretações. Ele não descobre os traumatismos ou sintomas, mas revela os nossos *fantasmas* interiores, com as devidas cargas de angústias que não conseguimos suportar. O próprio universo parece se encarregar de nossos encontros interiores com estes *fantasmas* para que deles cuidemos, convivamos a fim de que possam também seguir os seus caminhos próprios. Os sintomas permitem apenas mergulhar em uma seara mais profunda e interna de nós mesmos. “Freud só tem a interpretar na linguagem de seus pacientes o que eles lhe oferecem como sintomas; sua interpretação é a interpretação de uma interpretação” (2008, p. 47). Toda interpretação daquilo que nos está fora se encontra naquilo que nos habita internamente.

No entendimento de Foucault, o sentido da interpretação aberta pelo século XIX permite desativá-la da revelação ou da salvação, com concebida no século XVI, retomando a terapêutica como práticas de cuidado. Terapêutica da sociedade em Marx, do indivíduo em Freud e da humanidade em Nietzsche. (FOUCAULT, 2008, p. 55). Resta pensar neste *ensaio científico* algumas considerações sobre o tarot como potência para uma terapêutica que não se reduz às disciplinas, mas, de modo oposto, integra os campos da psicologia, da filosofia e da magia enquanto práticas de cuidado. Falar sobre o tarot como terapêutica é falar sobre

o *daimon*. Para isso, será necessário discutirmos melhor o entendimento acerca do conceito de *daimon*.

Espiritualidade, cuidado e o *daimon*: O caso Sócrates.

A filosofia e a medicina estabelecem estreita relação na antiguidade grega, em particular no chamado *período clássico* do mundo helênico (aproximadamente V a. C. e IV a. C.), época vivida e influenciada por Sócrates, Platão e também Aristóteles. Tanto a filosofia, como a medicina, representavam formas terapêuticas de cuidado, em particular do cuidado de si. A ideia de *cuidado* remete-nos em sentido amplo ao significado de *exercício, formas de atividade* que se faz consigo mesmo (FOUCAULT, 2010, p. 78).

Como lembra Foucault, “a própria prática de si, tal como a filosofia a define, designa e prescreve, é concebida como uma operação médica” (2010, p. 89). No centro de ambas se encontra a noção de *therapeúein*, que em grego quer dizer três coisas: “*Therapeúein* certamente significa realizar um ato médico cuja destinação é curar, cuidar-se; *therapeúein* é também a atividade do servidor que obedece às ordens e que serve seu mestre; enfim, *therapeúein* é prestar um culto” (idem). Terapêutica significará ao mesmo tempo três coisas: “cuidar-se, ser seu próprio servidor e prestar um culto a si mesmo” (ibidem).

Não obstante, a terapêutica, seja ela filosófica ou médica, não é algo que se faz sozinho, mas principalmente acompanhado. É um ato comunitário, político se desejarmos. O pensamento de Fílon de Alexandria, como narrado por Foucault, ilustra bem a questão. Um grupo de terapeutas pode ser definido por um:

Grupo de pessoas que, em determinado momento, retiram-se para as proximidades de Alexandria, constituindo uma comunidade, cujas regras (...) estabelecem, desde as primeiras linhas, que eles se denominam Terapeutas. E porque, pergunta Fílon, denominam-se eles Terapeutas? Pois bem, porque cuidam da alma como os médicos cuidam do corpo. (2010, p. 90).

A terapêutica excede os próprios cuidados com o corpo, embora nele também se faça. Essa observação é preciosa porque inibe que interpretemos com lentes contemporâneas que aqueles que “cuidam do corpo” frequentando as academias, ou exercitando-se na *cultura fitness*, poderiam estar exercitando a terapêutica. De modo diferente a isso, a prática do cuidado excede a forma física ou o narcisismo para com o corpo.

Há aqui, como mostra Fílon, uma diferença essencial entre a filosofia e a medicina conforme a prática do cuidado:

Fílon distingue, como alguns autores gregos, porém não como todos, a terapêutica [*terapeutiké*] e a iátrica [*iatriké*], sendo a terapêutica uma forma de atividade de cuidados mais ampla, mais espiritual, menos diretamente física do que a dos médicos para o qual reservam o adjetivo *iatriké* (a prática iátrica se aplica ao corpo). (idem).

Uma primeira forma de terapêutica filosófica do cuidado de si é feita a partir da atenção e dos sentidos: estar *atento a si* (*prosékhein tôn noûn*) referindo-se à percepção que se pode ter em relação a si mesmo; *voltar o olhar para si*. Plutarco alerta sobre a necessidade de fechar as janelas para voltar a olhar para o interior da sua própria casa e de si mesmo (FOUCAULT, 2010, p. 78); *examinar a si mesmo* (*skeptéon sautón*). Essa forma de cuidado de si visa a ascética não apenas pelo conhecimento, mas fundamentalmente pelo exercício dos sentidos, do olhar, da atenção.

E há toda uma forma de cuidado que não se refere simplesmente à conversão do olhar, mas se aproxima de um movimento global de existência que é conduzida a girar-se em torno de si mesma e a dirigir ou voltar-se para si. “Voltar para si é o famoso *convertere*, a famosa *metánoia*” (FOUCAULT, 2010, p. 78). Ela implica uma decisão mais profunda em si mesmo. Segundo Foucault:

Esse momento, essa ocasião não é o que em grego se denomina *kairós*, significando, de certo modo, a conjuntura particular de um acontecimento. Antes, é o que os gregos chamam de *hóra*: o momento da vida, estação da existência em que se deve ocupar-se consigo mesmo. Essa estação da existência – como já lhes tinha realçado, a idade crítica para pedagogia, para a erótica e para a política igualmente – é o momento em que o jovem deixa de estar nas mãos do pedagogo e de ser, ao mesmo tempo, objeto de desejo erótico, momento em que deve ingressar na vida e exercer seu poder, um poder ativo. (2010, p. 79).

Em essência, cuidar de si mesmo é provocar a própria alquimia interior no contato entre corpo e espírito. Esta atividade é ética e política ao mesmo tempo. Ética porque se trata de um movimento que exige transformação naquele que o pratica, só possível a partir de uma atitude de conversão. Política, pois se ancora no bem para com o outro constituinte da pólis, nos laços eróticos com a comunidade. Aquele que se transforma pode auxiliar na transformação do outro para o bem comum da política. Falo aqui de uma terapêutica como o exercício de viver a espiritualidade de um ponto de vista ético e político. A arte de bem viver.

O homem grego não lia o espírito-alma à maneira dualista, descolado do próprio corpo, como lemos hoje. Trabalhar sobre o próprio corpo era trabalhar sobre o próprio espírito e vice-versa. Como, então, acessar o espírito? Pelo amor, *eros*, o cupido como conhecemos pelos latinos. O que é, então, o amor? Esta pergunta precede que voltemos ao diálogo entre Sócrates e Diotima no *Banquete*, como descrito por Platão.

O *banquete* de Platão apresenta-se como um simpósio grego, jantar coletivo regado a bebidas no qual se reuniu a aristocracia ateniense, essencialmente composta por homens cidadãos, a fim de comemorar um prêmio recebido pelo tragediógrafo Agatão. Como ocorria habitualmente nessas reuniões aristocráticas, era comum elegerem uma temática para a prática das exortações entre os “homens nobres”, esclarecidos e sábios de Atenas. No caso do *Banquete*, a temática era precisamente *o amor*, sua origem, natureza e caracterização. Após todos os demais participantes da cena definirem o amor como um grande Deus, sumo bem, belo e justo, Sócrates, que chegara atrasado e estava sóbrio, é obrigado pelos já ébrios partícipes do jantar a dissertar sobre a questão.

Sócrates, ao contrário dos que o antecederam, não disserta sobre o amor como um Deus, sumariamente bom, belo e justo. De maneira muito diferente, menciona que aprendeu sobre as artes do amor com uma mulher, Diotima de Matineia, maga estrangeira. Segundo o próprio filósofo grego:

Diotima, que nesses assuntos era entendida e em muitos outros – foi ela que uma vez, porque os atenienses ofereceram sacrifícios para conjurar a peste, fez por dez anos recuar a doença, e era ela que me instruía nas questões do amor – o discurso que me fez aquela mulher eu tentarei repetir-vos (*Banquete*, 201 d, 1972, p. 39).

E repete:

- O que, então, ó Diotima [é o amor]? [Pergunta Sócrates a Diotima].
- Um grande gênio, ó Sócrates; e com efeito, tudo o que é gênio está entre um deus e um mortal.
- E com que poder? Perguntei-lhe.
- O de interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e aos homens o que vem dos deuses, de uns as súplicas e os sacrifícios, e dos outros as ordens e as recompensas pelos sacrifícios; e como está no meio de ambos ele os complementa, de modo que o todo fica ligado todo ele a si mesmo. Por seu intermédio é que procede não só toda arte divinatória, como também a dos sacerdotes que se ocupam dos sacrifícios, das iniciações e dos encantamentos, e enfim toda adivinhação e magia. (*Banquete*, 202 e, 1972, p. 40 e 41).

O amor é, então, um grande *gênio*. A definição de gênio para o grego é *daimon*, aquela voz interior que não para de nos sussurrar, transmitida vivamente através dos diferentes caminhos oraculares, mas não apenas por eles. Ela não nos para de enviar sinais a todo instante. Nos termos do filósofo italiano Giorgio Agamben, na voz desse *daimon* ressoa o fundamento “sobre o qual se apoia toda a nossa cultura, a sua lógica como também a sua ética, a sua teologia e a sua política, o seu saber e a sua loucura” (2006, p. 125).

Dito de maneira mais específica, lembremos que o pensamento ocidental emerge a partir de uma investigação oracular, isto é, quando um amigo de Sócrates consulta o oráculo de Delfos inquirindo sobre quem era o homem mais sábio de Atenas, oportunidade em que a Pitonisa, *médium* que atua sob o efeito de substâncias sulfurosas, responde: É Sócrates!

Sócrates é o homem mais sábio de Atenas não porque sabia muito, mas justamente porque ele sabia que os outros não sabiam tanto assim, sobretudo os mais poderosos da cidade. Ao menos sobre a sua ignorância ele sabia e isso provocou a si mesmo a missão de *cuidar para que os outros cuidassem de si*, ou seja, para praticarem as virtudes em suas vidas. A missão de Sócrates se inicia a partir da voz do *daimon*.

É que ele ouviu essa voz familiar, divina ou demoníaca, que de tempo em tempo só se faz ouvir dentro dele e a ele, voz que nunca lhe prescreve algo positivo, que nunca lhe diz o que deve fazer, [mas] de tempo em tempo se faz ouvir para o impedir de consumir uma coisa que ele estava a ponto de fazer ou que poderia fazer (FOUCAULT, 2011, p. 66).

Toda a vida socrática é marcada pelos sinais que são enviados pelo seu *daimon*. A missão de cuidar de si para despertar no outro o seu próprio cuidado lhe foi revelado pelo gênio. Sócrates não é um iluminado, sábio ou exclusivo no recebimento dessa voz interior. Pelo contrário, o *daimon* dele revela a sabedoria da ignorância, o valor do caminho errante na busca pela sabedoria interna e não a pompa dos discursos.

Todos nós, aqui e agora, podemos acessar a nossa voz daimônica. A nossa diferença para com o “homem antigo” é que paramos de ouvi-la, desconectamos da nossa missão. A genealogia dessa desconexão remonta a usurpação conceitual feita pela literatura cristã. Muito embora a noção de “demônio” retome ao nosso gênio interior como concebido pelos antigos, ganha ares pejorativos dentro da

história inquisitorial na modernidade. As magas ficaram conhecidas como “mulheres endemoniadas” - “bruxas-feiticeiras se preferirmos - porque, em vez de procurarem na teologia monoteísta cristã em sua liturgia a noção de salvação e revelação da verdade, ligavam-se as deidades agropastoris panteístas do mundo arcaico ou antigo com o propósito de “ouvirem a sua voz interior” pela intuição e pelo afloramento dos sentidos.

A espiritualidade de um ponto de vista filosófico e mágico não tende a ser interpretada como salvação ou redenção pela renúncia de si, mas sim como um amplo processo de “criação sobre si mesmo”, que procura fazer da própria vida uma obra de arte, exige transformação do próprio *si* na relação com os outros “eus” que nos habitam. As práticas espirituais mágico-filosóficas para atingirem conexões com o sagrado interior podem ocorrer de maneiras diversas, criativas: a observação dos astros, as consultas oraculares, os unguentos praticados com ervas, as plantas expansoras, etc.

Contemporaneamente, por exemplo, temos visto as práticas de beberagem da *ayahuasca* como um possível espaço desta retomada mágico-espiritual¹¹. Falar da “planta mestra”¹² foge a meus propósitos neste espaço. O que visto mostrar é como a dimensão criativa da espiritualidade, através das suas formas interiores e heterodoxas na comunicação com os sinais cósmicos - possível pelo tarot ou pela astrologia, por exemplo - foi simplesmente reduzida ao princípio de verdade revelada pela liturgia cristã (MAUSS, 2003). Em tom de provocação, sem certo gracejo, afirmo que da mesma maneira que Deus cria o homem a sua imagem e

¹¹ A palavra *ayahuasca* vem da família da língua andina *quéchua* e suas raízes remontam a *aya*, “morto, defunto, espírito” e *waska*, “cipó”, “corda”, “vinha”, etc. As suas traduções são diversificadas, tais como “cipó do morto”, “cipó do espírito”, “vinho das almas”, “bebida adivinhatória”. A bebida também ficou conhecida no Brasil pelos nomes de *yagé*, *daimé*, *hoasca*, *vegetal*, *cipó*. Sua preparação efetiva-se após longa decocção entre o cipó *Banisteriopsis caapi* e as folhas da rubiácea nomeada *Psychotria viridis*. A junção entre o cipó e as folhas em água libera o princípio ativo chamado DMT (Dimetiltriptamina), que é conhecido por “molécula do espírito”. Esta molécula assim é chamada porque é uma substância *endógena*, isto é, sintetizada não por qualquer agente externo, mas encontrada internamente em grande parte dos organismos vivos (desde mamíferos à plantas). No ser humano, faz-se presente em pequenas doses no cérebro e especula-se que a glândula pineal seja a sua produtora. (MCKENNA, 1995a, 1995b).

¹² Vale a nota de que a *ayahuasca* tem sido comumente chamada de “planta professora”, por meio do qual é possível obter conhecimentos que nos possibilita matizar a dissolução das fronteiras entre homem/animal e entre natureza/cultura a qual a nossa modernidade pedagógica nos emoldurou. A beberagem do chá permite o acesso a informações da consciência que nos estimulam a outras maneiras de pensar e a conhecer o real (ALBUQUERQUE, 2014). Refiro-me a formas de resgate de memórias, do afloramento da sensibilidade e intuição ou ainda da telepatia e comunicação não verbal com outras consciências como animais ou plantas.

semelhança, o pensamento cristão inventa o demônio à imagem e à semelhança da mulher.

Pensar a figura do *daimon* à luz contemporânea requer tomar contato com a prática que cada um de nós pode exercer em meditar sobre a sua própria voz interior. Isso exige procurar interiormente, pelo exercício de atenção como cuidado, a terapêutica de si, ou seja, a não competição ou comparação para com o outro. Desse ponto de vista, a nossa *missão* é tanto singular como comum: Singular porque a nenhuma outra é igual, comum, porque a todas as outras se assemelha. Trata-se de um exercício ético de conexão a si mesmo, político porque visa o bem comum da comunidade em que se insere e, por fim, cosmológico tomando nota do cuidado para com o mundo que cada um de nós deve exercitar.

Considerações finais: Individuação desde o Tarot

Procurei pensar, na oportunidade do nosso VII Workshop, o campo terapêutico como possibilidade de individuação a partir do tarot. Neste texto, persegui a ideia de como as práticas ancestrais como o *I ching*, a astrologia ou, principalmente, a tarologia procuram simplesmente ecoar aquilo que esquecemos aqui e agora, que é a conexão espiritual entre corpo e alma, abrindo inclusive novas frentes para pensar o inconsciente desde a espiritualidade. Tecerei algumas considerações muito pessoais ao cabo desse *ensaio*, espaço de pensamento próprio, em busca de individuação.

A minha experiência terapêutica sugere que a prática do tarot pouco cumpre o seu propósito espiritual se compreendida desde a finalidade puramente adivinatória. De maneira muito diferente a esta, estamos evocando forças a fim de transmitir os sinais cósmicos no propósito de *reconexão ao presente* para aqueles que o procuram. Uma prática de orientação para a conexão com o nosso gênio interior, *daimon que nos habita*. O demoníaco é o *locus* de indistinção dos limites que separam o animal, o humano e o divino que habita em nós. Não há (ainda) técnica que o explique com precisão, embora a voz interior não nos pare de habitar. Sócrates cumpriu a sua missão não porque ficou satisfeito ao saber pela voz da Pitonisa que era o homem mais sábio de Atenas, mas sim porque foi *examinar* o que o oráculo lhe dissera. Os processos íntimos de evolução ocorrem quando nos intimizamos

diariamente pela transformação daquilo que éramos, tomando contato com os resgates dos ciclos de morte e vida que nos habitam em cada passagem, encontro, acontecimento. Nada deixa de passar...

O *tarot* mostra-nos outra dimensão de tempo e espaço, que se aproxima da sincronicidade. De meu ponto de vista, as artes que lidam com os encantamentos não são para prever o futuro ou culpar pelo passado, mas sim para retomarem o presente. Quando ingressam no futuro – e elas ingressam! - poderiam fazê-lo como uma *prevenção* de novos aprendizados que virão a fim de criar uma armadura naquele que busca por caminhos de autoformação em sua vida. Se retomam o passado, poderiam fazê-lo tomando o propósito de permitir que o sujeito não se esqueça de si mesmo. Fino trabalho este entre passado, presente e futuro que nos convocam as artes ancestrais a fim de cuidarmos de nós para cuidarmos do mundo.

Toda essa reorientação permite que pensemos a nossa relação com o conhecimento não pela crítica e julgamento, como se arvoram os saberes técnicos e científicos ainda hoje, mas sim como um gesto de meditação, que é *estar atento ao que te passa, aos símbolos que se comunicam contigo*. Esta guinada de olhar permite enxergar a vida não pela ótica do acúmulo, da herança de posses, mas sim desde o cultivo de si, do outro e do mundo porque habita o tempo presente como oportunidade de amor e de responsabilidade tanto por aquilo que existe, como pela transmissão de valores em face daquilo que há de chegar através das novas gerações. É o gesto da atenção ao tempo presente que importa no propósito de reelaborar um passado traumático para que o futuro possa se enredar de outra maneira.

O modo como cada aprendizado simbólico nos interpela é ainda pouco compreendido através de nossas lentes atuais, restritas à lei moderna de causa-efeito. Pensar não apenas um jogo de tarot, mas cada encontro entre os corpos como um profundo exercício de intersubjetividade poderia promover contribuições significativas para o campo da terapia analítica justamente porque trazemos para a nossa consciência o *não acaso* que une as relações. Nesse sentido, cada terapeuta atrai também aquilo que vibra. Na condição de terapeuta, o exercício de incitar ao outro para que cuide de si passa por um profundo exercício ético de coragem em

minha auto-observação sobre como habito e cuido de minhas próprias sombras internas.

Em geral, as pessoas que procuram tanto o terapeuta, como o tarólogo, encontram-se em período de muita transição em suas vidas, o que requer um grande *ethos* (trabalho sobre si mesmo) por parte de um e de outro. A vida do tarólogo se cruza com uma miríade de outras vidas que se entremeiam ao desconhecido. A trajetória própria dos encontros simplesmente corrobora uma intuição primeira de que não existe acaso em nenhuma chegada e partida promovidas pelo cosmo. Isto é, nenhum espírito que chegou até mim o fez por coincidência, mas foi trazido por algum tipo de força cósmica ainda sem muita definição. Grosso modo, posso afirmar que tais encontros são regidos por outra ideia de sincronicidade muito curiosa: percebo que um jogo de tarot só acontece desde uma *relação* e imagino que o mesmo se dê na relação de transferência e contratransferência entre terapeuta e analisando.

Enquanto tarólogo, não sou eu quem simplesmente “transmito” ao outro os sinais sobre a sua própria vida, mas os sinais são dados reciprocamente, isto é, eles fazem parte também dos processos de aprendizado pelos quais estou passando em minha própria trajetória de vida. Como tarólogo, medito diariamente com as cartas, mas noto um acontecimento muito curioso quando me encontro diante de alguém em um jogo: Embora nunca abra o *tarot* para mim, sempre que o faço para alguém estou também abrindo-o para mim. Dito de outra maneira, os sinais dados ao consultante são portas de aprendizado para processos pelos quais eu também estou passando. Ou seja, é natural que ao trabalhar algum trauma em meu “feminino” me procurem pessoas que tem passado por questões muito parecidas. Sempre uma relação, algo que se constrói por dois universos *singulares* e *comuns* ao mesmo tempo.

A ausência de uma formação acadêmica em psicologia não me abona de notar que o ensinamento da intersubjetividade vai ao encontro do *setting* terapêutico, uma vez que a relação entre analista e paciente se constrói entre a transferência e a contratransferência de um para com o outro, do outro para com o um. Quem sabe, enquanto terapeutas que somos (analistas, tarólogos, astrólogos, etc.), ao recebermos uma vida em nosso consultório, estejamos mais atentos em

aprender com aquela vida que, supostamente, seria apenas mais um “paciente”. A “outra vida” sempre quer dizer algo sobre mim, meus processos, intimidades e enfrentamentos. Lemos o tarot quando interpretamos um sonho e sonhamos à medida que lemos o tarot, por isso o universo simbólico se une entre os gestos terapêuticos como caminho possível não apenas para o processo de individuação do outro, mas para o meu próprio processo.

O gesto da atenção, da meditação, da escuta e da fala generosa é ainda um paradigma por vir em nossas profissões acarretadas de tanto cientificismo. Penso que o VII Workshop e também este *arcanum primeiro* da Revista Jung Marília é um canto-chamado para essa desconstrução-reconstrução. Agradeço e muito a escuta generosa e o olhar atento na leitura de vocês. Eis que o mago emerge!

ANEXO I



REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *A linguagem e a morte*. Um seminário sobre o lugar da negatividade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ALBUQUERQUE, M. B. Epistemologia da Ayahuasca e a dissolução das fronteiras natureza/cultura da ciência moderna. *Fragmentos de Cultura*, v. 24, n. 2, p. 179-193, abr./jun. Goiânia, 2014.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Trad. Mana Thereza Redig de Carvalho Barrocas, Rev. técnica Manoel Barros da Motta; tradução do posfácio de Piare Macherey e da apresentação de Louis Althusser, Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite. - 6.ed. rev. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail, 8ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Nietzsche, Freud, Marx. In: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos II*. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Org. e Sel. De Textos Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981 – 1982)*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREITAS, A. S. O cuidado de si e os perigos de uma ontologia ainda sem cabimento: o legado ético-espiritual de Foucault, *Pro-Posições*, v. 25, n. 2 (74), p. 121-138, maio/ago., Campinas, 2014.

GUTTMAN, A.; JOHNSON, K. *Astrologia e mitologia: seus arquétipos e linguagem dos símbolos*. Trad. Julia Vidili. São Paulo: Madras, 2005.

HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Edições Loyola, 2011.

_____. *Elogio de Sócrates*. Trad. Loraine Oliveira, Flávio Fontenelle Loque, São Paulo: Edições Loyola, 2012.

JODOROWSKY, A.; COSTA, M. *O caminho do tarot*. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Editora Campos, 2016.

JUNG, C. G. Prefácio ao *I Ging*. In: JUNG, C. G. *Psicologia e religião oriental*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha; Rev. Técn. Dora Ferreira da Silva. 7ª ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

KAFKA, F. *Carta ao pai*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MCKENNA, T. K. *O retorno à cultura arcaica*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Record, 1995a.

_____. *O alimento dos deuses*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1995b.

_____. *La nueva consciencia psicodelica – de las alucinaciones a la realidade virtual*. Planeta, Nueva consciencia, 2012.

MOLINEIRO, M. L. de C. A. *Vocação: uma perspectiva junguiana*. A orientação vocacional na clínica junguiana. São Paulo: 2007, Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/15586/1/Maria%20Molineiro.pdf>. Acesso em: 16/08/2018.

NICHOLS, S. *Jung e o Tarô*. Uma jornada arquetípica, 10ª ed, São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

PÉREZ, J. U. Biopolítica: Un análisis de la cuestión. *Claves de razón práctica*, nº 166, octubre de 2006, pp. 76-82, Madrid, Progreso, 2006.

A DOR SILENCIADA NO ABUSO SEXUAL: uma ferida invisível

Ana Carla Sismeiro VICENTE¹; Vivian Pedroso ALVES²

RESUMO

A criança necessita, para seu desenvolvimento saudável, de um ambiente acolhedor e seguro. Se o respeito com seu corpo for violado, estamos diante de um abuso. O abuso sexual causa na vítima um trauma que pode ficar anos escondido, mas que externamente se apresenta através de uma variedade de sintomas tanto psíquicos quanto físicos. Este artigo tem como objetivo analisar e discutir os traumas surgidos a partir dos abusos na infância, mais especificamente o abuso sexual e suas implicações para o desenvolvimento psicológico, no sentido de prevenir e amenizar suas consequências. Utilizar-se-á a Psicologia de Carl Gustav Jung como fundamento teórico e a revisão de artigos da área de psicologia junguiana que tratam das consequências desse abuso na criança e no adulto, além da discussão da abordagem do psicólogo e do companheiro da vítima de abuso.

Palavras-chave: Abuso sexual. Trauma. Psicologia junguiana. Self *daimon*. Complexos.

¹ Psicóloga Clínica, Unimar, SP. E-mail: anasismeiro@gmail.com

² Psicóloga Clínica, Pós-graduanda na EXTEMCAMP – UNICAMP. E-mail: vivian_palves@hotmail.com

EPÍGRAFE

No silencio da dor,
Vagueio por um quarto escuro.
De criança e de dor,
Caminho por entre demônios e anjos.
Sigo no escuro, caminhando para a luz.
Que luz?
A luz que envolve,
Que acolhe e conforta.
Que alimenta e sustenta
A luz dentro de mim.
Que de mim me fortalece.
Me dá alma, cor e desejo,
E assim sigo com a minha ferida
E nos ouvidos escuto a ferida do outro
E ao longo dos anos
A culpa, o remorso e a dor
Me ajudam a encontrar outras tantas feridas.
A ferida da vitória,
A ferida da vida!

Sophie S.

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros anos de vida são o alicerce psicológico para todo o desenrolar da vida adulta, tornando indispensável um ambiente que propicie o desenvolvimento saudável. Por vezes, isso não acontece, e a criança pode se encontrar numa situação que ultrapassa seus limites, como por exemplo situações de abuso.

São três os principais tipos de abuso: abuso físico, abuso emocional e abuso sexual. O abuso sexual será o foco deste trabalho, que será vislumbrado dentro da psicologia de Carl Gustav Jung.

O abuso sexual é uma atividade não desejada contra crianças e adolescentes de ambos os sexos, não compatível com a idade, onde as crianças não são capazes de compreender nem de consentir e impostas por uma pessoa mais velha em posição de autoridade com o intuito de utilizá-las para obter satisfação sexual.

O abuso sexual (que também envolve abuso físico e emocional), por seu caráter íntimo e relacional, é grave, afeta a vida da criança e do adolescente nas relações sociais, familiares e pessoais, provocando danos físicos e psicológicos.

A psicologia desenvolve um papel de extrema importância no auxílio das vítimas, principalmente na correlação de sintomas físicos e psíquicos com o abuso sexual.

Apesar da importância do tema, existem poucos estudos aprofundados sobre os efeitos do abuso sexual no desenvolvimento psicológico da criança. Sendo assim, o presente trabalho tem por escopo rever, sintetizar e aprofundar a discussão acerca do tema.

2 MÉTODO

Foram realizadas buscas online ao longo de 6 meses, tendo sido utilizado principalmente a revisão de textos na área da psicologia analítica acerca do tema, usando basicamente os termos de busca *abuso sexual*, *complexo*, *eixo-ego self* e *trauma*. Foram também consultados livros-textos da biblioteca da Clínica e Centro de Estudos Junguiano da cidade de Marília/SP e revistas da Sociedade Brasileira de

Psicologia Analítica. Por ser um tema escasso, buscou-se também uma pesquisa online em Inglês, utilizando-se os termos *child, sexual abuse, e ego-self axis*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenvolvimento Infantil

O desenvolvimento da criança se inicia por meio de um estado indiferenciado entre mãe-bebê, o qual Carl Gustav Jung chamou de participação mística. No decorrer do processo ocorre uma transformação da libido (energia psíquica) por meio da diferenciação entre as partes e o todo, permitindo à criança se perceber como um ser diferenciado da mãe e, posteriormente, do mundo. (BYINGTON,1983)

Esta fase inicial, pré-egóica, é representada simbolicamente pelo *uroboros*, a serpente que morde a própria cauda, símbolo que caracteriza a unidade sem opostos. Segundo Neumann (1995), a regulação total do organismo da criança se encontra protegida pelo Self da mãe. Ela passa então a significar prazer e tudo o que este possa proporcionar; como contraponto, toda e qualquer sensação de desprazer e de desconforto também estará inicialmente associada a esta relação primal. A criança não possui nem um ego estável nem uma imagem corporal delimitada.

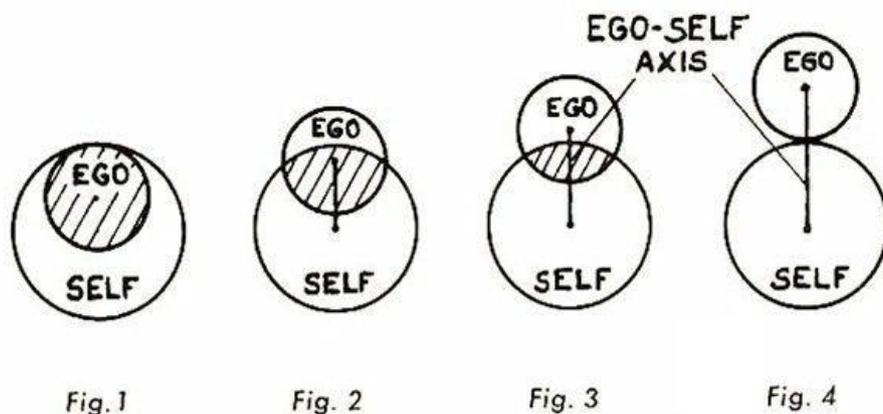
Este Self representado pela relação com a mãe, ao longo do desenvolvimento, deve ser deslocado gradativamente para o interior da criança, e o seu ego aos poucos se tornará apto para o confronto com o "outro".

É através da confiança de que o seu desconforto será brevemente aliviado por meio da intervenção da "Mãe Boa" que a criança irá desenvolver a habilidade para suportar tensões e se submeter às demandas sociais. A criança desenvolve um ego capaz de uma tolerância positiva, assimilando e integrando as qualidades negativas e positivas dos mundos interno e externo, com possibilidade de aceitar a si mesmo e ao meio ambiente ao qual está inserido, preservando a unidade da personalidade.

Segundo Neumann (1995, p.37): “essa confiança é indispensável para a estabilidade do eixo ego-Self, que é a coluna dorsal do automorfismo individual e posteriormente, de uma consciência e de um ego estáveis”.

A fase seguinte é marcada pelos arquétipos da Anima e do Animus, as imagos contra sexuais adormecidas no inconsciente. Essas imagens são projetadas externamente através da busca de um parceiro, considerado este o tema principal da primeira metade da vida. É a fase da Alteridade, do encontro com o “outro”. O ego é agora capaz de vivenciar de forma criativa sua posição central, através do eixo ego-Self (Figura 1)

Figura 1 – O desenvolvimento do eixo ego-Self, baseado no autor Edward Edinger’s



Fonte: PEGGY VOTH, 2016

O ego, dada a necessidade de adaptação às exigências externas, afastou-se, nos primeiros estágios do desenvolvimento psíquico, do Self; agora deverá fazer o movimento contrário, de retorno à sua verdadeira essência. Este processo não significa isolamento ou afastamento social, mas a capacidade de viver a unicidade em meio à sociedade.

A partir do processo de individuação o homem caminha para a última fase do desenvolvimento. A consciência, passa a perceber a grandiosidade do Self e a se aproximar dele. A vivência do Self orienta o ego em todo o seu desenvolvimento.

O Abuso Infantil

Define-se como abuso quando um sujeito de condições superiores (idade, força, posição social/econômica, inteligência, autoridade) dirige ações que

gerem danos físico, emocional e/ou sexual, com o consentimento ou não da criança obtido por meio de sedução, troca ou indução. (HABIGZANG, CAMINHA, 2004)

O abuso infantil pode se dar de três formas: abuso físico, abuso emocional, e abuso sexual, sendo que podem ocorrer tanto por ação quanto por omissão (negligência).

No abuso físico, ocorre uso da força física, com o objetivo de ferir, causando danos físicos a uma criança ou adolescente, deixando ou não marcas evidentes. É o tipo de abuso mais evidente e fácil de detectar. A criança apresenta sinais físicos que vão desde hematomas e cicatrizes até fraturas e danos internos de órgãos e até a morte. Muitas vezes o uso de força física é realizado com o pretexto de educar.

Como consequência desse tipo de abuso, a criança pode apresentar quadros ansiosos, fobias, dificuldade de aprendizagem, baixa autoestima, dificuldades psicomotoras, sentimentos de traição, desconfiança, hostilidade e dificuldades nos relacionamentos, sensação de vergonha, culpa, autodesvalorização e distorção da imagem corporal. Em casos severos, a criança pode desenvolver transtornos alimentares, transtorno de personalidade *borderline*, tendências a estados depressivos e até mesmo ideação suicidas (HABIGZANG, CAMINHA, 2004).

O segundo tipo, o abuso emocional, é a forma mais comum de abuso infantil, incluindo-se, aqui, os comportamentos não-físicos. São situações que configuram o abuso emocional a falta de carinho ou apoio, a superproteção, as ofensas, críticas e castigos excessivos, a intimidação e/ou manipulação, a humilhação e a desvalorização, o isolamento, as ameaças e a imposição de medo extremo, a atribuição de responsabilidades excessivas para a idade e o testemunho de violência, brigas e discussões entre os pais.

Esse tipo de abuso, faz com que a criança desenvolva a necessidade de reconhecimento e aprovação, perfeccionismo, transtorno de ansiedade, depressão, baixa autoestima, medo persistente, somatização e risco de suicídio.

O último tipo, o abuso sexual, que é o tema desse estudo, será melhor explorado a seguir.

O abuso sexual infantil

O abuso sexual é definido como todo ato ou jogo sexual, hetero ou homossexual, cujo agressor esteja em estágio de desenvolvimento psicossocial mais adiantado que a criança ou o adolescente. Tem por finalidade estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obter estimulação sexual (BRASIL, 2002). Essas práticas eróticas e sexuais são impostas às crianças ou aos adolescentes por violência física, ameaça ou indução de sua vontade. Pode variar desde atos onde não existam contatos físicos, mas que envolvem o corpo (assédio, voyeurismo, exibicionismo), a diferentes tipos de atos com contato físico, sem penetração (sexo oral, intercurso interfemural) ou com penetração (digital, com objetos, intercurso genital ou anal). Deve haver uma diferença de idade de quatro anos ou mais entre a vítima e o abusador, quando a criança é menor de doze anos. E no caso de adolescentes entre treze e dezesseis anos, a diferença deve ser de dez anos ou mais. Todavia, o uso de força, intimidação ou abuso da autoridade, deverá ser considerado sempre uma conduta abusiva independente da diferença de idade (HABIGZANG E CAMINHA, 2004).

O abuso sexual é uma violência contra a vida. Como sabiamente coloca Lowen (1997) “*o abuso sexual é a forma mais hedionda da traição ao amor, posto que a sexualidade é normalmente uma expressão de amor*” (p.147). As vítimas ficam marcadas para o resto de suas vidas por esta ação destrutiva. O trauma fere e feridas precisam de tratamento – por melhor tratadas que sejam, as muito grandes deixam cicatrizes para a vida toda.

Os abusos sexuais podem ser intrafamiliares ou incestuosos (quando o agressor é membro da família nuclear ou de origem) e extrafamiliares (conhecidos da família, amigos ou desconhecidos). Na maioria dos casos, são intrafamiliares e os principais abusadores são o pai e o padrasto, começam entre cinco e oito anos e a mãe é a pessoa que as vítimas mais procuram por ajuda ou para a revelação, o qual normalmente acontece mais de um ano depois do início do abuso (HABIGZANG, CAMINHA, 2004).

O abuso sexual pode ainda ser dividido em 4 categorias: estupro, pedofilia, assédio sexual e exploração sexual profissional.

O agressor e a vítima, em sua grande maioria, cresceram em ambientes violentos, mesmo que seja uma violência velada. O padrão de

relacionamento estabelecido na infância junto a sua carga afetiva e comportamentos estereotipados influenciam as demais relações e a vida adulta. A base arquetípica por trás do abuso é vítima-agressor, que podem aparecer quando a vítima projeta o agressor no abusador ou identifica-se com ele agredindo a si mesma ou a outras pessoas. O abusador estabelece uma relação de poder e controle sobre outrem, que não tem condições de se defender. Geralmente são pessoas que não levantam suspeitas por terem uma Persona razoavelmente adaptável às exigências sociais, mas que em sua Sombra não conseguem controlar seus instintos. A vítima, por sua vez, está numa posição fraca, indefesa e desamparada, o que gera sentimento de culpa e vergonha, pois a força, coragem e poder não estão integrados, eles estão projetados no agressor (KAST, 1997).

Mas como identificar que uma criança ou adolescente está sendo vítima de abuso sexual? Geralmente, não existe só um sinal que indique isso, mas um conjunto de indicadores que devem levar a uma investigação mais profunda. Dentre esses sinais, podemos destacar: uma mudança de comportamento repentina, que pode ser geral ou em relação a uma pessoa em específico, no caso o abusador, que pode ser uma distanciação ou até mesmo uma aproximação excessiva; regressão a comportamentos mais infantis; mudança de hábito repentinamente, em relação a escola, alimentação ou até mesmo no modo de se vestir; “brincadeiras” ou desenhos de cunho sexuais e utilização de palavras diferentes das aprendidas em casa para se referir ao genitais; sinais físicos de violência sexual e até mesmo o surgimento de doenças sexualmente transmissíveis (MENDONÇA, 2017).

Alguns fatores podem determinar consequências mais ou menos graves para as crianças vítimas de abuso sexual. Entre elas, podemos destacar a idade da criança no início do abuso, a duração desse abuso, o grau de violência e ameaça utilizado, a diferença de idade entre o abusador e a vítima e a relação existente entre estas e a ausência de figuras parentais e de apoio (MENDONÇA, 2017).

O dia 18 de maio foi estabelecido como o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Efeitos do abuso sexual no desenvolvimento infantil e adulto

É na infância que o ser humano desenvolve sua base emocional. É quando ele se forma fisiologicamente e se coloca socialmente. A noção de 'self' da criança se molda através de seus relacionamentos com as outras pessoas.

O abuso sexual, principalmente o que se instala sem violência e sim com sedução, traz sensações fisiológicas de excitação que a criança não tem estrutura para elaborar psiquicamente. Isso gera uma hiperexcitação que pode se transformar em ansiedade ou hipersexualização.

Esta experiência rompe desastrosamente a sequência normal da sua organização sexual. Ela é forçada a um desenvolvimento fálico ou genital prematuro, enquanto as necessidades desenvolvimentais legítimas são ignoradas e deixadas de lado.

Qualquer vivência cuja elaboração e assimilação internas não é possível de entender se caracteriza como um trauma. Podemos considerar o abuso sexual como um evento traumático para a grande maioria de suas vítimas, pois se trata de uma vivência com uma dimensão absolutamente profunda e complexa, que abarca a sexualidade da criança, suas referências e suas fantasias.

O erotismo é uma interrogação e sempre será, o que quer que diga qualquer determinação futura. Por um lado, ele pertence à natureza animal primitiva do homem, que existirá sempre enquanto o homem tiver um corpo animal. Por outro lado, porém, ele é aparentado às formas mais elevadas do espírito. Mas ele só floresce quando espírito e instinto estão na sintonia correta. Quando falta um desses aspectos, ocorre um dano, ou pelo menos uma unilateralidade, um desequilíbrio, que pode facilmente desembocar em algo doentio (JUNG, 2005, p. 31).

Esta dissociação entre o aspecto instintivo e o aspecto espiritual do erotismo, citada por Jung, faz com que a sexualidade fique cindida, expressando-se como uma ação mecanizada do pênis e da vagina e uma descarga pulsional do que como um encontro entre dois seres buscando intimidade. A sexualidade, vivenciada dessa forma cindida, torna-se uma expressão de pulsão de morte e a distância do que deveria ser: pulsão de vida, ligada ao amor e à busca de estabelecer ligações.

Os sintomas mais comumente apresentados por uma criança vítima de abuso sexual, que podem aparecer no decorrer do abuso, ou mesmo anos depois,

são transtornos de stress pós-traumático, transtorno de ansiedade, depressão, baixa autoestima, dificuldades interpessoais, raiva e hostilidade reprimidas, episódios dissociativos, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, queixas somáticas, dificuldades no sono e comportamento sexual anormal, transtornos alimentares, baixo aproveitamento, além de medo, culpa e vergonha sem explicações lógicas e revitimizações. Há também pesquisas que mostram alterações cerebrais em resposta a um quadro de abuso crônico, podendo provocar alterações cerebrais permanentes (TEICHER, 2001).

Praticamente tudo o que é dito sobre os efeitos do abuso sexual vale para ambos os sexos. No entanto, há alguns efeitos específicos para os meninos, sendo eles a homofobia, a banalização do abuso e a “síndrome do Vampiro”, na qual um menino vítima de abuso sexual pode também vir a ser um abusador (HABIGZANG, CAMINHA, 2004).

Ademais, a experiência de trauma sexual na infância pode levar a vítima a construir uma representação interna de mundo que é caracterizada por sentimentos de ameaça, traição e violência. Essa representação de mundo aparece nos relacionamentos amorosos, criando expectativas constantes de violência, traição e rejeição. Devido a essa representação interna, os sobreviventes de abuso desenvolvem um padrão de apego inseguro na vida adulta. Os dois estilos de apego inseguro desenvolvidos são: apego ansioso (associado à ansiedade, confusão, dependência, ciúme e medo de ser abandonado ou de não ser amado) e apego evitativo (associado ao medo de intimidade, inibição social, e uma combinação de traços de evitação) (JACOB, 2009).

A forma mais comum desses sentimentos se manifestarem, tanto no homem quanto na mulher, é através do desenvolvimento de um comportamento controlador. Vítimas de abuso incestuoso podem também transferir dificuldades vividas em sua família de origem para seu relacionamento atual. Mulheres sobreviventes de abuso sexual na infância apresentam disfunções sexuais, incluindo falta ou diminuição de desejo, dificuldades de lubrificação, anorgasmia e vaginismo. Tem medo de se verem atraentes, femininas e saudavelmente sexualizadas, rejeitando sua feminilidade, inclusive tentando evitá-la ganhando ou perdendo peso. Sentem vergonha de sua sexualidade porque não lhes foi permitido desenvolvê-la como uma expressão de amor, que geralmente fica misturada com a hostilidade. Instala-

se uma dissociação entre afeto e sexualidade, levando as vítimas a tratar seus corpos de forma perigosa. Nos homens, as disfunções sexuais mais encontradas são ejaculação precoce, disfunção erétil e diminuição de desejo. Também são comuns queixas urogenitais, masturbação compulsiva e linguagem erotizada (JACOB, 2009).

Outro aspecto é a tendência ao sexo violento ou sadomasoquismo. O abusado por vezes assume a posição sádica, onde o que excita é o sentimento de poder sobre o outro, vivenciando assim uma troca de papéis em relação ao abuso vivido, ou a posição masoquista ou de submissão, que remove temporariamente a culpa que bloqueia a entrega sexual (JACOB, 2009).

O trauma como uma ferida invisível

A palavra trauma vem do grego *traûma* e significa ferida. O trauma psíquico ou psicológico é um tipo de dano emocional, uma ferida psíquica, que se origina de um abuso. A definição de trauma no Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Norte-Americana de Psiquiatria, DSM-IV afirma que para existir um trauma, dois componentes são principais: o primeiro definindo as características da vivência traumática e o segundo a resposta da vítima a tal evento, através de intenso medo, desamparo, impotência ou terror.

Quanto mais imprevisível for um evento, mais traumático será. Um trauma não aparece necessariamente no momento exato do evento traumático; pode levar meses ou anos a se manifestar. Muitas vezes a pessoa não lembra do abuso sofrido, pela intensidade da dor que provoca, ficando as memórias reprimidas no inconsciente; e assim não consegue lidar com o trauma do abuso e nem reconhecer as consequências. As lembranças podem vir à tona nos sonhos oníricos com conteúdos que denotam o abuso ou como sintomas físicos e/ou emocionais (KALSCHED, 2013).

O trauma pode ser causado por vários tipos de eventos, mas há alguns aspectos em comum. Geralmente envolve o sentimento de completo desamparo diante de uma ameaça real ou subjetiva à própria vida, ou à vida de pessoas amadas, ou à integridade do corpo.

Para o psicanalista húngaro Sandor Ferenczi (1992), o trauma psíquico resulta não só do evento traumático em si, mas principalmente da indiferença dos adultos diante do sofrimento da criança.

Segundo Jung (2011a), o trauma pode ser comparado a uma ferida psíquica. Daí, pode-se facilmente representar o trauma como um complexo com uma carga emocional elevada.

Acontecimentos ligados a fortes impressões nunca passam sem deixar marcas na pessoa. [...] ficam marcas que não raro atuam pela vida afora. Estas vivências podem exercer influência determinantes sobre todo o desenvolvimento mental da pessoa (p. 184-185).

Quando o abuso sexual acontece na infância, a psique permite que a vida exterior prossiga, mediante a defesa psicológica da dissociação. Porém, no mundo interior, esse trauma continua a assombrar na forma de imagens que se agrupam em torno de um afeto intenso. Sobre isso, Jung (2011a) escreve:

Um complexo traumático causa a dissociação da psique. O complexo não está sob o controle da vontade e, por essa razão, possui a qualidade da autonomia psíquica [...] Ele se impõe tiranicamente à mente consciente. Surge, então, uma figura diabólica que traumatiza o mundo objetivo interior, a fim de impedir a retraumatização no exterior. Isto significa que uma imago traumatogênica assombra a psique desses pacientes. (§ 266-7).

Quando o ego não tem estrutura para suportar a intensidade afetiva relacionada a determinada vivência, é criado um complexo, que se forma no inconsciente, de forma involuntária e a partir das várias experiências da vida.

O complexo, com toda essa carga afetiva, tem no seu núcleo o arquétipo. O arquétipo, que são conteúdos existentes no inconsciente coletivo como “possibilidades latentes”, recebem forma através das vivências do inconsciente pessoal, surgindo na consciência como uma imagem arquetípica. Toda imagem arquetípica tem sua raiz no inconsciente coletivo, no arquétipo, porém, surge carregada de significado pessoal (Jung, 2001).

Todo arquétipo é bipolar, combinando opostos dentro de si. Um polo representado pelo instinto e afeto relacionados ao corpo; no outro polo, o componente espiritual que confere forma e é composto por imagens. O terceiro fator combina o

instinto/afeto e espírito em fantasias inconscientes que criam o significado (Jung, 2001).

Existe na psique coletiva uma entidade organizadora central, que Jung chamava de arquétipo do Self, e o encontro com ele pode envolver a salvação ou o desmembramento, dependendo do que é vivenciado pelo ego. Enquanto o ego não se desenvolver, o self unificado não pode se realizar, mas uma vez constelado, ele se torna a base do ego e o seu guia, no potencial inato da personalidade do indivíduo.

Quando a criança é abusada, o lado negativo do Self não se personaliza, mas permanece arcaico. Surge a figura desumana diabólica, chamada de daimon, que vem do grego *daiomai*, que significa dividir. O objetivo dessa figura parece ser o encapsulamento da parte frágil e vulnerável do paciente, que separa o ego da realidade para impedir que seja novamente violado (Jung, 2001).

As defesas arcaicas personificadas como imagem daimônica, arrebatam o ego para o interior, para o mundo inconsciente, ao mesmo tempo que destrói a vida no mundo externo. Uma das partes regressa e a outra progride, isto é, cresce rápido demais e se torna precocemente adaptada ao mundo exterior; estamos diante de um falso eu. A parte que progride cuida da parte que regride. O falso eu torna-se um eu protetor que cuida do verdadeiro eu. A criança pode desenvolver precocemente as emoções dos adultos amadurecidos e as qualidades potenciais nela latentes, isto é, uma progressão traumática e uma maturidade precoce. Segundo Kalsched (2013), cria-se assim um *sistema de autocuidado arquetípico da psique*.

“Esse sistema é arquetípico porque é ao mesmo tempo arcaico e típico das operações de autopreservação da psique, e porque é mais antigo e mais primitivo do ponto de vista do desenvolvimento, do que das defesas normais do ego” (p. 17).

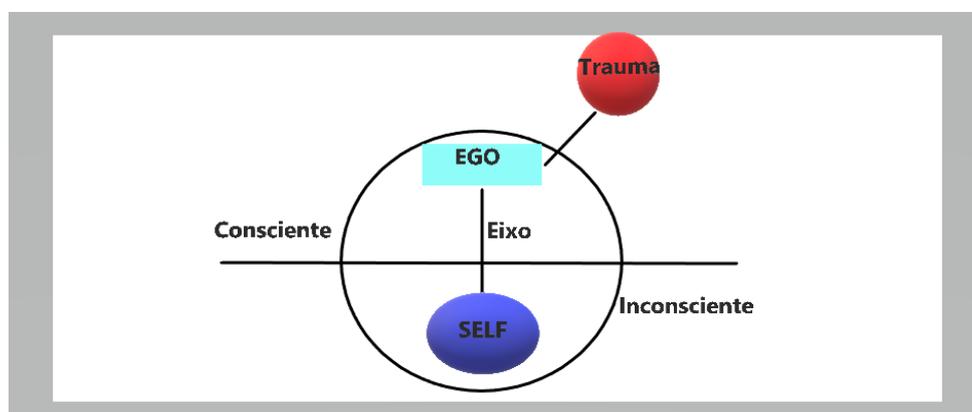
A essência da personalidade, o Self, é um núcleo inviolável. Quando outras defesas falham, as defesas arquetípicas não medirão esforços para proteger o Self, chegando ao ponto de matar a personalidade que abriga o espírito pessoal. O Self age como um sistema imunológico do corpo, mas isso leva a uma danificação no desenvolvimento natural do Eixo Ego-Self.

As crianças não conseguem mobilizar a agressão para expulsar os momentos maus internos e, as energias destrutivas, normalmente disponíveis para o

exterior numa defesa saudável, são reconduzidas ao mundo interior. Ela é incapaz de odiar um pai, por exemplo, que ama, identificando, ao invés disso, com um pai como sendo “bom”, ao que Ferenczi (1992) chamou de *identificação com o agressor*. A criança leva a agressão do pai para o mundo interno, e passa a odiar a si mesma.

É uma ferida na emoção, uma ferida no amor, originadas no profundo sentimento de desconfiança no ser humano em geral. Com isso, “as vítimas de abuso sexual não conseguem entregar-se ao corpo e ao amor” (LOWEN, 1997, p. 147), o que significa que sua entrega amorosa e sexual fica comprometida e com isso diminui grandemente as chances de se realizarem afetivamente em suas vidas (Figura 2).

Figura 2 – O desenvolvimento infantil com a vivência do trauma



Fonte: Elaborado pelas autoras

Intervenções Psicológicas

O mundo opressor do trauma dominado pela ansiedade é recapitulado na vida exterior. A vítima é “obrigada” a repetir o comportamento autodestrutivo, e isso é revelado na resistência à psicoterapia. Não devemos acusar o paciente porque não são “eles” que resistem: a psique deles é um campo de batalha, na qual forças titânicas da dissociação e da integração estão disputando o espírito pessoal traumatizado. Ocorre a reação terapêutica negativa. As vítimas deste trauma tentam destruir a esperança nos terapeutas.

A repetição à ansiedade traumática exclui o espaço transicional, elimina a atividade simbólica da criatividade. É aqui que o trabalho do psicólogo deve atuar, encontrando “no brincar” o contato com o símbolo e a reconstrução, estabelecendo confiança suficiente para que afetos negativos possam começar a serem tolerados e suportados.

O sonho, a fantasia, a transferência, a contratransferência, a caixa de areia e as “artes criativas” são todas técnicas que possibilitam e requerem o envolvimento ativo e descontraído do terapeuta e do paciente, num processo que busca revelar o afeto encapsulado, que ainda não pode ser expresso em palavras. Com a atitude simbólica, o interior (espiritual) e o exterior (humano) restauram o equilíbrio e a ruptura traumática entre os dois mundos é remediada. (função: trans – transcendente, transicional e transferência).

Precisamos, nós terapeutas, oferecer espelhamento empático e investigar a ferida que está aberta. O processo auto-curativo só pode acontecer se uma ferida for completamente limpa.

Somente a compaixão humana é capaz de ativar o potencial integrador do Self, quando este tem suas energias desviadas para o mal, ódio, pelo trauma intolerável e seu inevitável sistema de autocuidado arquetípico.

Além disso, sabemos também que um grande número de mulheres sobreviventes de violência sexual se envolve com homens abusivos e, nesse caso, a terapia de casal é indicada para ajudá-los a romper o ciclo de abuso. Outras mulheres acabam por se envolver em relacionamentos de característica maternal, nos quais ela busca um parceiro cuidador que possa sanar seus sentimentos de vazio e dor.

Um parceiro que não tenha tido a experiência de abuso na infância pode precisar de ajuda e apoio para compreender os efeitos do abuso em seus/suas parceiros(as) e para lidar com o sofrimento trazido à relação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reflexos das primeiras experiências traumáticas sem elaboração e resolução faz a criança interior ficar refém.

A criatividade é a via saudável para a obtenção de afeto e prazer e esta pode permanecer bloqueada nas vítimas de abuso, determinando a personalidade durante a infância e por toda a vida adulta. Assim, quando adultas, essas crianças feridas poderão acabar se engajando em relacionamentos que reproduzam o mesmo padrão disfuncional da infância, repetindo o ciclo de abuso e violência compulsivamente. E nessas relações poderão se tornar adultos violentos e

abusadores. Portanto, crianças maltratadas poderão se tornar pais que maltratarão seus filhos, ou seja, o adulto vive, inconscientemente, reflexos do passado.

Precisamos encontrar saídas baseadas na ótica da empatia, do afeto e do cuidado. E começar a cuidar, sendo a psicoterapia e a ajuda dos parceiros fundamentais para que ocorra uma reorganização psíquica. Só assim a ferida pode se tornar visível e ser acolhida.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, P. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981
- BRASIL. *Estatuto da Criança do adolescente*. Lei 8069/90, 13 de julho de 1990.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde*. Brasília: Ministério da Saúde / Secretaria de Assistência à Saúde, 2002.
- BYINGTON, Carlos. O desenvolvimento Simbólico da Personalidade. *Junguiana – Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*, São Paulo, no.1, 1983.
- _____. *A construção amorosa do saber*. O fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana. São Paulo: Linear, 2011.
- DSM-IV - *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 4.ed. ver. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DSM-V - *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 5.ed. ver. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- FAIMAN, Carla Júlia Segre. *Abuso sexual em família: a violência do incesto à luz da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- FERENCZI, Sandor. *Confusão de língua entre os adultos e a criança: Obras completas*. Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HABIGZANG, Luísa Fernanda; CAMINHA, Renato M. *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Conceituação e intervenção clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- HOLLIS, J. *A passagem do meio: Da miséria ao significado da meia idade*. São Paulo: Paulus, 2008.
- JACOB, Patrícia. *Um Estudo sobre o Abuso Sexual e suas Consequências nos Relacionamentos Amorosos*. Cuiabá: 2009. Disponível em <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAA9QkAF/a-ferida-invisivel-estudo-sobre-abuso-sexual-suas-consequencias-nos-relacionamentos-amorosos>>. Acesso em abril de 2018.
- JACOBI, Mario. *Psicoterapia Junguiana e a Pesquisa Contemporânea com crianças: padrões básicos de intercâmbio emocional*. São Paulo: Paulus, 2010
- JUNG, Carl G. *Ab-reação: análise dos sonhos e transferência*. Vol. XVI/2. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- _____. *Freud e a psicanálise*. Vol.IV Petrópolis: Vozes, 2011b.
- _____. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Vol. XVIII/1. São Paulo: Vozes, 2001.
- _____. *Sobre o amor*. Aparecida-SP: Idéias e Letras, 2005.
- KALSCHED, Donald. *O mundo interior do trauma: defesas arquetípicas do espírito pessoal*. São Paulo : Paulus, 2013.
- KAST, Verena. *A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicoterapia*. São Paulo: Loyola, 1997.

LIPP, Marilda E. Novaes (Org). *Crianças estressadas: Causas, sintomas e soluções*. Campinas: Papirus, 2000.

LOWEN, Alexander. *Alegria: A entrega ao corpo e à vida*. São Paulo: Summus, 1997.

MENDONÇA, Renata. *Como identificar possíveis sinais de abuso sexual em crianças?* São Paulo, abril de 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-39696399>>. Acesso em 10 de junho de 2018.

NEUMANN, Erich. *A Criança – Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação*. 10.ed. São. Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *História da Origem da Consciência*. 10.ed. São. Paulo: Cultrix, 1995.

SAUAIA, N. M. *Eros e Poder – Resiliência e Violência*. Núcleo Espiral: um trabalho de prevenção com crianças vítimas de violência. Disponível em: <<http://www.nucleoespiral.org.br/img/artigoErosePoder.pdf>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2018.

STEIN, R. *Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia*. São Paulo: Paulus, 1999.

TEICHER, Martin. *Feridas que não cicatrizam: a neurobiologia do abuso infantil*. 2001. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/feridas_que_nao_cicatrizam_a_neurobiologia_do_abuso_infantil.html>. Acesso em: maio de 2018

VOTH, Peggy. *Ego & the self*. Calgary Jung Society. Core Concepts Class #2. 2016. Disponível em: < <http://www.peggyvoth.com/wp-content/uploads/2016/10/Ego-the-Self.pdf>.>. Acesso em: maio de 2018.

ADOÇÃO: aspectos jurídicos e analíticos

Janaina Ramalho Ferraz P de SOUZA¹; Victória Piccinato FERRAZ²

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo fazer interlocução entre a psicologia jurídica e analítica, apresentar uma práxis clínica de revelação sobre adoção em um caso de filiação socioafetiva. A metodologia utilizada foi estudo de caso, analisado por meio da psicologia analítica junguiana à luz do tema adoção. Adoção é medida excepcional e irrevogável. A legislação que rege os procedimentos para adoção no contexto atual brasileiro é o Estatuto da Criança e do Adolescente. O abandono antecede a adoção e é um fenômeno arquetípico. O inconsciente sabe da condição da adoção mesmo que a consciência ainda não saiba. Significantes rupturas e/ou dissociações podem ocorrer no desenvolvimento do indivíduo quando suprimida a informação sobre sua adoção. Nos contos e mitos constam histórias de abandono e adoção, assim como seu significado simbólico no processo de individuação. Observa-se recente e gradativa quebra de paradigmas no universo jurídico brasileiro com o reconhecimento de que a afetividade é um princípio do direito de família e a partir da possibilidade jurídica da multiparentalidade.

Palavras chave: Adoção. Psicologia jurídica. Psicologia analítica. Abandono. Individuação.

¹ Psicóloga Judiciária, formada pela Unimar. Especialização na Uniara. Mestranda em Psicologia da PUC-SP. E-mail: janaferaz@gmail.com

²Graduanda em Psicologia UNIP. E-mail: victoriapiccinato.ferraz@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo fazer interlocução entre a psicologia jurídica e analítica, apresentar uma práxis clínica de revelação sobre adoção em um caso de filiação socioafetiva.

A metodologia utilizada foi estudo de caso, analisado por meio da psicologia analítica junguiana à luz do tema adoção.

De acordo com o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2010), a palavra adotar significa “tomar, assumir, aceitar, usar, resolver, seguir, receber como filho, perfilhar, associar ao Governo”.

No artigo 39 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), consta que adoção se trata de uma medida excepcional e irrevogável. Recomenda-se ainda que sejam esgotadas todas as possibilidades de se manter a criança ou o adolescente em sua família natural ou extensa.

O § 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente esclarece que:

Na hipótese de não haver a indicação do genitor e de não existir outro representante da família extensa que esteja apto a receber a guarda, a autoridade judiciária competente deverá decretar a extinção do poder familiar e determinar a colocação da criança sob a guarda provisória de quem estiver habilitado a adotá-la ou de entidade que desenvolva programa de acolhimento familiar ou institucional (ECA, 1990).

Winnicott (1987) escreve que quando um bebê não pode ser criado por seus pais biológicos, o melhor é que seja adotado para que a criança possa se sentir pertencente a uma família.

No contexto legal brasileiro, o histórico dos procedimentos para adoção perpassou pela Adoção à Brasileira, que consistia em um modo pelo qual a mãe, família biológica ou terceiros “dava” a criança para outra pessoa. Muitas vezes, o casal adotante registra a criança como se fosse filho biológico, à margem dos trâmites legais.

Outro procedimento histórico no cenário brasileiro é a denominada Adoção Intuitu Personae. *Intuitu personae* é uma expressão latina que significa “por ânimo pessoal”, o que caracteriza a adoção como consensual, ocorrendo quando a mãe biológica manifesta interesse em entregar a criança à pessoa conhecida, mas sem que esteja inserida no Cadastro Nacional de Adoção, como exige as regras legais e atuais para adoção.

Atualmente, a legislação que rege os procedimentos para adoção no contexto brasileiro é o Estatuto da Criança e do Adolescente – lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, alterada pelas leis 13.509, de 22 de novembro de 2017 – dispõe sobre entrega voluntária, destituição do poder familiar, acolhimento, apadrinhamento, guarda e adoção de crianças e adolescentes, garantias trabalhistas aos adotantes e, pela lei nº 12.010, de 03 de agosto de 2009 – dispõe sobre o aperfeiçoamento da sistemática prevista para garantia do direito à convivência familiar a todas as crianças e adolescentes.

O ECA (1990) tanto refere sobre os atuais critérios e procedimentos legais para os adotantes e adotados, como sobre a adoção unilateral, internacional, adoção de indígenas, com enfoque na proteção integral e prioridade de atender o melhor interesse da criança/adolescente.

Contudo, para além das questões jurídicas, observa-se inúmeros conteúdos psíquicos que permeiam a adoção, entre eles: o abandono, a rejeição, o desamparo, luto, tanto no adotante, quanto no adotado.

A partir disso, o presente estudo se debruçará por meio de um olhar jurídico e analítico em torno do conteúdo do abandono.

No Código Penal brasileiro – Lei 2848/40 consta as penalidades para alguns tipos de abandono tipificados como: abandono de incapaz, de recém-nascido, abandono intelectual e material. Entretanto, a tipificação do abandono afetivo ainda não consta nas leis brasileiras, mas é suscetível de reparação por meio de indenização, caso seja comprovado danos morais e/ou psíquicos como consequência do respectivo abandono.

Zimeo (2001, p. 02) postula que “o abandono é uma condição que geralmente antecede a adoção e, sendo o abandono e rejeição arquétipos, o inconsciente sabe da condição da adoção mesmo que a consciência não saiba”.

Por meio de símbolos, fantasias, materiais oníricos e até por fenômenos sincronísticos, o inconsciente informa à consciência sobre “verdades” que estão sendo suprimidas a ela, mas já conhecidas pelo inconsciente.

Wilkinson (2012) traz inúmeras histórias de crianças abandonadas por meio dos contos e no universo mitológico, confirmando a caracterização arquetípica do fenômeno do abandono.

Em geral, os heróis mitológicos começam a vida rodeados de dificuldades. Muitos deles são abandonados pelos pais ainda bebês, às vezes pela vergonha de terem nascido fora do casamento ou como no caso do herói trágico grego, Édipo, na inútil tentativa de evitar o cumprimento de uma profecia (WILKINSON, 2012, p. 56).

Na mitologia grega, são inúmeros os personagens míticos que viveram essa jornada, como: Zeus, Apolo, Dionísio, Asclépio, Páris e tantos outros.

No conto, João e Maria, a madrasta convence o marido, um lenhador pobre, a abandonar os dois filhos numa floresta. As crianças encontram no percurso uma bruxa malvada, mas conseguem se safar.

Já no conto O Pequeno Polegar, o mais novo de sete filhos abandonados usa sua astúcia para ajudar todos a sobreviver, roubando as mágicas “botas de sete léguas” de um gigante adormecido (WILKINSON, 2012).

No panorama brasileiro acerca do histórico de motivos de crianças abandonadas, observa-se que a pobreza era uma forte motivação para o abandono de filhos.

Entretanto, essa realidade começou a alterar-se com a iminência do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), onde consta em seu artigo 23 que “a falta ou a carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para a perda ou a suspensão do poder familiar”.

Conforme retratado no filme, Minha Vida de Abobrinha, os motivos mais observados na atualidade nos casos de abandono tratam-se de pais usuários de drogas ou portadores de transtorno mental, muitas vezes, também desencadeado por consumo de substâncias químicas (MINHA, 2016).

O processo de individuação da pessoa adotiva tem semelhança com a jornada do herói.

Muitos heróis vivenciaram o abandono e foram adotados, elaborando essa tragédia por meio de um esforço psíquico no percurso simbólico do nascimento-morte-renascimento.

Zimeo (2001, p. 05) escreve que “a jornada do herói (ou da individuação), é uma jornada mítica-humana, ou seja, um percurso arquetípico e, portanto, constitutivo de todo e qualquer ser humano a nível simbólico”.

Dionísio, também chamado de o deus nascido duas vezes, era filho de Zeus, rei dos deuses e, de Sêmele, princesa de Tebas, mas mortal.

A esposa imortal de Zeus, a deusa Hera, enfurecida com a infidelidade do marido, disfarçou-se em ama-seca e foi ao encontro de Sêmele, ainda grávida, e a persuadiu a pedir que o marido se mostrasse em todo o seu esplendor e glória divina. Zeus satisfez a vontade de Sêmele, a qual não suportando a visão do deus circundado de clarões, tombou fulminada. Zeus retirou a criança que ela gerava e ordenou que Hermes, o mensageiro dos deuses, a costurasse em sua (Zeus) coxa. Ao terminar a gestação, Dionísio nasceu, vivo e perfeito.

Contudo, Hera continuou a perseguir a estranha criança de chifres e ordenou aos Titãs, deuses terrenos, que matassem o menino, fazendo-o em pedaços. Zeus conseguiu resgatar o coração da criança que ainda batia, colocando-o para cozinhar, junto com sementes de romã, transformando tudo numa poção mágica, a qual deu de beber para Perséfone, que acabara de ser raptada por Hades, deus das trevas e da escuridão e que se tornaria sua esposa. Perséfone engravidou e nasceu, Dionísio, o renascido das trevas. Por esse motivo, era chamado de Dionísio-laco, o que nasceu duas vezes, deus da luz e do êxtase.

Convocado por seu pai, Zeus, para viver na terra junto com os homens e compartilhar com ele as alegrias e sofrimentos dos mortais, Dionísio foi atingido pela loucura de Hera, indo perambular pelo mundo ao lado dos sátiros selvagens, dos loucos e dos animais. Deu à humanidade o vinho e suas bênçãos, concedeu ao êxtase da embriaguez, a redenção espiritual a todos que decidiram abandonar e renunciar a riqueza e o poder material.

Por fim, seu pai celestial permitiu-lhe retornar ao Olimpo, onde tomou seu lugar à direita do rei dos deuses. Nesse período, Dionísio conseguiu resgatar sua mãe Sêmele e revivê-la.

De acordo com a ampliação de Zimeo (2001), a dupla gestação e o duplo nascimento de Dionísio, gestado na coxa de Zeus e depois quando nasce de Perséfone, se assemelha ao esquema clássico da iniciação: nascimento-morte-renascimento.

Tanto Dionísio, quanto os adotivos foram rejeitados e tiveram uma segunda mãe, a adotiva, que simboliza a possibilidade do renascimento a nível psíquico. A dupla-mãe se refere a uma mãe humana e a outra arquetípica.

No mito, Sêmele foi sua mãe mortal, representando a mãe biológica. Zeus (deus) e Perséfone (deusa) configuram a mãe arquetípica, a qual é projetada em quem cuidou dele.

O adotivo tem uma mãe real e uma simbólica, como qualquer um de nós, adotivos ou não.

A autora acrescenta em sua ampliação que:

Dionísio mantém, por um certo tempo, uma conexão negativa com a mãe arquetípica representada por Hera (deusa que tudo fez para o aniquilar). A deusa Hera comporta a mãe-bruxa, a mãe má, simbolicamente a face materna da rejeição, pois ela não aceita a sua existência, que no adotivo ocorre quando a mãe e/ou o pai adotantes inconscientemente não o aceitam como filho, repetindo-se novamente o abandono na vida da criança, só que desta vez dentro do próprio contexto da adoção (ZIMEO, 2001, p. 06).

Assim como Dionísio foi tomado pela loucura gerada por Hera, o adotivo psicologicamente também pode se dissociar quando não tem consciência de suas origens ou por não se sentir afetivamente filho dos pais adotantes, tornando-se uma tragédia.

Zeus simboliza o constante chamado de Dionísio (e dos adotivos) para suas origens, sendo uma oportunidade de reintegração dos conteúdos cindidos ou dissociados entre ego e self na busca da identidade.

O que morre e renasce no adotivo é a sua identidade. O processo de individuação gera a oportunidade de que a energia psíquica regrida para o inconsciente em busca da mãe arquetípica.

Assim, Dionísio representa a criança divina que, em todos nós, vive esta eterna busca.

É nesse sentido que a autora propõe a ideia de que:

"[...] somos todos adotados, que em cada um de nós habita um adotado, que clama pela vingança do abandono, do sentimento de fraqueza. O conflito está presente e é constitutivo do ser humano" (ZIMEO, 2001. p. 07).

Toda criança, assim como a adotiva, em algum momento questiona seus pais e/ou cuidadores acerca das suas origens e sobre o percurso de seu

nascimento. A indagação sobre de onde veio pode ser um direcionador para onde se vai, assim como pode responder as questões existenciais: quem sou e para que sou?

O percurso de reconstruir o passado, em função do presente, com o olhar voltado para o futuro corrobora com o sentido teleológico no processo de individuação, escrito por Carl Gustav Jung.

Nesse sentido e de acordo com essa perspectiva, a lei garante por meio do artigo 48 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) que:

O adotado tem direito de conhecer sua origem biológica, bem como de obter acesso irrestrito ao processo no qual a medida foi aplicada e seus eventuais incidentes, após completar 18 (dezoito) anos. A lei ainda acrescenta em seu parágrafo único que "o acesso ao processo de adoção poderá ser também deferido o adotado menor de 18 (dezoito) anos, a seu pedido, assegurada orientação e assistência jurídica e psicológica. (ECA, 1990).

Segundo o mito grego, Laio, o rei de Tebas havia sido alertado pelo "Oráculo de Delfos" que uma maldição iria se concretizar: seu próprio filho o mataria e que este filho se casaria com a própria mãe. Por tal motivo, ao nascer, Édipo, Laio e Jocasta abandonaram a criança no Monte Citerão, pregando um prego em cada pé para tentar matá-lo.

O menino foi recolhido mais tarde por um pastor e batizado como "Edipodos", o de "pés-furados", que foi adotado depois pelo rei e rainha de Corinto, Polibo e Mérobe e voltou a Delfos.

Édipo consulta o Oráculo que lhe dá a mesma previsão dada a Laio, que mataria seu pai e desposaria sua mãe. Achando se tratar de seus pais adotivos, foge de Corinto.

No caminho, Édipo encontrou um homem e sem saber que era seu pai o matou, pois Laio o mandou sair de sua frente.

Depois de derrotar o homem casa-se com a sua mulher, não sabendo que era também a sua mãe biológica.

Após derrotar a Esfinge que aterrorizava Tebas, que lançara um desafio ("Qual é o animal que tem quatro patas de manhã, duas ao meio-dia e três à noite?"). Édipo conseguiu desvendar: O amanhecer é a criança engatinhando, entardecer é a fase adulta, que usamos ambas as pernas e o anoitecer é a velhice que usa a bengala. Em outra versão da lenda o desafio que a Esfinge lançara é: "Qual é o animal que tem duas patas de manhã, quatro ao meio-dia e três à noite? Édipo

respondeu a segunda versão da pergunta dizendo que era ele mesmo. O amanhecer é o Édipo adulto andando em duas pernas, entardecer é quando Édipo mata o pai e dorme com a sua mãe, descendo ao nível bestial assim andando em quatro patas, e o anoitecer é ele quando fura seus olhos assim precisando usar a bengala como uma terceira perna.

Conseguindo derrotar o monstro, ele seguiu a sua cidade natal e casou-se, "por acaso" (já que ele pensava que aqueles que o haviam criado eram seus pais biológicos) com sua mãe, com quem teve quatro filhos.

Quando da consulta do oráculo, por ocasião de uma peste, Jocasta e Édipo descobrem que são mãe e filho, ela comete suicídio e ele fura os próprios olhos por ter estado cego e não ter reconhecido a própria mãe.

Todo indivíduo tem um registro inconsciente de suas vivências mais profundas, inclusive, intrauterina. Sendo assim, sua consciência capta pelas contradições mais sutis e pelo clima emocional no contexto familiar que sinalizam a condição da adoção.

O inconsciente sabe da condição da adoção mesmo que a consciência ainda não saiba. Diante disso, significantes rupturas e/ou dissociações podem ocorrer no desenvolvimento do indivíduo quando suprimida a informação sobre sua adoção.

Zimeo (2001) afirma que se o adotivo não souber de suas origens, se torna um ser alienado de si mesmo.

Maldonado (1997) fala dos importantes problemas que podem causar ao indivíduo a negação da informação sobre a adoção, tais como: dificuldade de aprendizagem, baixo rendimento escolar, em especial, nas disciplinas de ciências e história (bloqueando a capacidade de investigação sobre dados de sua própria história); psicoses infantis (como o caso de uma criança que foi registrada filha dos avós, tornando-se legalmente irmã da própria mãe); relações incestuosas (como observado no conteúdo arquetípico, no mito de Édipo).

O processo de individuação ocorre por meio da função transcendente que consiste na integração dos conteúdos opostos inconscientes à consciência.

Portanto, se o adotivo não conhece suas origens a nível consciente, pode-se dizer que seu processo de individuação já tem obstáculos desde a infância.

Observa-se uma recente e gradativa quebra de paradigmas do universo jurídico brasileiro a partir do reconhecimento de que o afeto é um princípio do direito de família, dando-se valor e lugar para o afeto no que permeia cada uma das relações familiares.

Tal realidade, somada aos diferentes arranjos familiares que vêm se reconfigurando cada vez mais nas instituições familiares contemporâneas fez com que o Sistema Judiciário se adaptasse, conferindo a possibilidade jurídica da multiparentalidade por meio do reconhecimento do vínculo de filiação socioafetiva, sem a exclusão da biológica. Com a decisão, a criança passa a ter dupla filiação, também conhecida como multiparentalidade.

A partir dessa contextualização literária, abordarei a seguir sobre um caso que acompanho na psicologia clínica.

2 RELATO DO CASO

Trata-se de uma criança de 6 anos de idade, do sexo masculino, a qual encontra-se em processo psicoterápico há 13 meses.

Foi encaminhado para psicoterapia pela mãe quem apresentou como queixa a necessidade e preocupação acerca da revelação sobre a separação conjugal dos pais, assim como a realidade da paternidade biológica e socioafetiva da criança.

Consta que a genitora manteve uma relação extraconjugal, a qual culminou em uma gestação. Contudo, esta situação não foi revelada ao esposo.

Entretanto, quando a criança estava com 5 anos de idade, os pais separaram-se, a mãe mudou-se de cidade junto do filho e, neste momento, foi levantada a possibilidade de a criança não ser seu filho biológico, fato este comprovado em exame de DNA realizado sem o consentimento da criança e da mãe.

Diante disso, iniciaram-se as questões jurídicas por meio de um divórcio litigioso e foi consensual entre as partes que a guarda da criança ficasse com a genitora.

Contudo, o foco da terapia se deu na revelação para a criança sobre a separação conjugal dos pais e a paternidade biológica e socioafetiva, tendo em vista que os pais relatavam não conseguir fazer isso sem o apoio de um profissional.

Ao longo do processo terapêutico foram realizadas inúmeras orientações aos pais, individual e em conjunto, elaboração de laudo, observação lúdica da criança, intervenção lúdica utilizando caixa de areia, pintura, jogos e demais objetos lúdicos.

A respectiva criança logo se familiarizou com a pintura em tela, onde sempre projetou e ressignificou (alterando a tela) suas angústias frente aos conflitos familiares, o qual ele denominava projetivamente no espaço lúdico como “guerra” (sic).

Sendo assim, o caso foi trabalhado e estudado baseando-se na literatura sobre adoção, tendo em vista a realidade da paternidade socioafetiva e biológica.

Contudo, acerca da revelação sobre a paternidade trabalhou-se, num primeiro momento, introduzindo o tema da adoção com a criança por meio de contos de animais que foram adotados.

Em seguida, a história foi projetada e adaptada no espaço lúdico com a família de um animal elegido pela própria criança, sendo o leão.

A partir disso, após a introdução do tema adoção no universo consciente da criança, a terapeuta contou a história da própria criança no contexto lúdico escolhido por ele, sem mencionar em momento algum que aquela seria sua história, pois era utilizado o nome do animal. Nesta história, a terapeuta utiliza a elucidação dos diferentes arranjos familiares projetados na história.

Espontaneamente, a criança questionou se aquela seria sua história? A terapeuta lhe ressoou a pergunta, questionando o que a criança achava? Neste momento, a criança responde que sim. Em seguida, a criança pede para dar nome aos personagens, os nomeando com seu nome, o dos pais, inclusive, o biológico, o qual nunca havia mencionado no espaço terapêutico. A mãe garante que nunca havia lhe revelado sobre sua realidade acerca da paternidade biológica, ao menos o nome dessa figura.

Na sequência, foram realizadas as mesmas intervenções com a criança junto de seus pais para que os mesmos pudessem também conversar sobre o assunto com o filho, utilizando da projeção do conto.

3 DISCUSSÃO

Portanto, embora o caso também apresente outros desfechos, esta apresentação tem como finalidade o foco na práxis clínica da revelação da história da criança sobre a dupla paternidade.

O presente caso retrata a duplicidade de filiação, onde consta um pai socioafetivo e o pai biológico.

Nota-se que toda literatura se posiciona de forma favorável e recomenda sobre a importância do que chamam de “revelação” acerca da adoção para o indivíduo, principalmente, pelo fato de que todo o conteúdo pessoal, mesmo que ainda não consciente, já habita o inconsciente pessoal.

Diante disso, tal intervenção se deu, tendo em vista o que a literatura aborda sobre a importância da tomada de consciência acerca dos conteúdos da história do indivíduo para seu processo de individuação.

A apresentação da prática clínica se deu como elucidação de uma das formas lúdicas de se trabalhar a revelação de uma adoção ou de qualquer outro conteúdo que ainda não foi abordado com a criança no âmbito da consciência.

O fato da criança de forma espontânea e lúdica ter dado o nome do pai biológico para o animal que lhe representava no espaço lúdico, corrobora com a literatura apresentada de que “a verdade” sobre o indivíduo habita em seu universo inconsciente em busca da tomada de consciência por meio do movimento de energia psíquica da função transcendente no processo de individuação.

Num primeiro momento, o conteúdo foi introduzido por meio do âmbito instintivo dos contos com figuras de animais. Em seguida, a criança identifica-se com o conteúdo, humanizando a história.

Nota-se que a tomada de consciência se deu por meio do investimento no olhar para o masculino (figuras paternas), tendo em vista que o animal

do conto se tratava de um cavalo e, no universo lúdico, a criança elege o leão para projetar sua história.

O nascimento da consciência ocorreu no presente caso no espaço lúdico no momento em que a criança re-conta sua história.

A Esfinge constada no mito de Édipo e elegida como símbolo recorrente em inúmeras sessões da criança em estudo vem representar o renascimento a partir da (simbólica) morte do materno.

Diante disso, observa-se no presente caso a jornada do herói em seu percurso de nascimento-morte-renascimento no processo de individuação.

O mito de Édipo corrobora o conteúdo arquetípico observado em literaturas acerca da adoção, onde existem inúmeros relatos sobre as consequências da não revelação sobre a adoção para o indivíduo.

Portanto, quando esse percurso não ocorre de forma adequada e verdadeira pode se haver significantes rupturas no desenvolvimento do indivíduo, conforme postula Maldonado (1997), confirmada por Zimeo (2001) quem diz que “o adotivo psicologicamente também se dissocia por não saber conscientemente de suas origens e por não se sentir afetivamente filho dos pais adotantes”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da revisão da literatura, observa-se que não é a condição de adotado que implica em possíveis problemas comportamentais e de saúde mental no indivíduo, como é verbalizado constantemente pelo senso comum. Mas sim, a maneira como é conduzida a verdade acerca da história do indivíduo e que refletirá em sua integração ou dissociação egóica.

Por fim, concluo o presente estudo com uma reflexão de Zimeo (2001) a qual me fez compreender meu elevado interesse pelo tema adoção, tendo em vista que “[...] nesse sentido que podemos dizer que somos todos adotados, que em cada um de nós habita um adotado, cujas carências e temores remetem a um Deus-Pai para consolo, mas clama pela vingança do abandono, do sentimento de fraqueza. O conflito está presente e é constitutivo do ser humano”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

MALDONADO, Maria Tereza. *Os Caminhos do coração: pais e filhos adotivos*. São Paulo: Saraiva, 1997.

MINHA Vida de Abobrinha. Direção: Claude Barras. Produção: Armelle Glorennec, Kate Merkt, Marc Bonny, Max Karli, Michel Merkt, Pauline Gygax. Elenco: Gaspard Schlatter, Michel Vuillermoz, Paulin Jaccoud, Sixtine Murat. Roteiro: Céline Sciamma. Califórnia Filmes; Blue Spirit Animation; Gébéka Films; Rita Productions, 2016. Duração: 66 min.

WILKINSON, P. *Mitos e Lendas: origens e significados*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZIMEO, A.M. A adoção e o inconsciente: uma abordagem simbólica da Psicologia Analítica. *Revista Jung & Corpo*, São Paulo, Sede Sapientiae, Ano I, n.1, 2001.

COACHING COMO PROCESSO TRANSFORMADOR: do sonho a realização

Daniela Rogério PIRES¹

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar, através de um estudo de caso, a eficiência do coaching como processo transformador e metaforizar com o mito de objetivo definido e sonho realizado. Foi realizada uma revisão de literatura sobre ferramentas de coaching, clareza de objetivos e ações práticas. Na pesquisa foi analisado que as ferramentas são importantes no processo, mas ter o objetivo claro e realizar ações para alcançá-lo é fundamental e esse ponto é o que faz toda a diferença. Além disso, não basta ter técnicas, clareza no objetivo, estimular gente para realizar o sonho é necessário a pessoa estar motivada (motivo a ação) e comprometida com o processo, isto é, um movimento de dentro para fora.

Palavras-chave: Coaching. Motivação. Sonhos. Mito. Perséfone.

¹ Psicóloga (USC/ Bauru) com especialização na área Junguiana, MBA em Gestão Empresarial (Univem Marília) e MBA em Gestão de Revendas (IBMEC CONFENAR), Formação Líder – Coach (Holos). Avançado conhecimento em grafologia, especializada em Treinamento e Desenvolvimento de Gestores, Lideranças e Equipes. Atualmente como consultora nas áreas de Recrutamento & Seleção, Desenvolvimento de Lideranças, Equipes e Coaching. Franqueada Magrass. dani.fernandopolis@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Coaching é um processo de parceria com o cliente para descobrir o melhor caminho para a conquista desejada. No coaching, o coach trabalha as habilidades do cliente para que ele conquiste seus objetivos, criando consciência, produzindo motivação, revelando e aprimorando talentos e desempenho. Durante todo o processo, o coach trabalha com quatro premissas:

- Foco,
- Ação,
- Resultados e
- Melhoria Contínua.

Segundo Persia e Sita (2011) o coach concentra-se no ponto em que seus clientes estão hoje, nas suas metas e no que estão fazendo para conquista-las. Para ajudar a esclarecer o uso dessas palavras, uma explicação breve:

- O termo **Coaching** representa o processo em si;
- O termo **Coach** representa o profissional que faz o coaching;
- O termo **coachee** é a pessoa que recebe o coaching (STEFANO, 2005).

Coaching é uma palavra que surgiu em 1500, na Inglaterra para determinar aquele que conduzia a carruagem. Já em 1850, a palavra coach era utilizada nas universidades da Inglaterra denominando o tutor de uma pessoa. Em 1960 o programa educacional em Nova York introduziu pela primeira vez as habilidades de Coaching de Vida (PERSIA E SITA, 2011).

O coaching acontece através de sessões periódicas de atendimento individual (presencial e/ou online) semanais. Nessas sessões, lidamos somente com o estado atual e o futuro, onde trabalhamos os sonhos, reais objetivos, missão de vida, crenças e valores.

O que leva uma pessoa a procurar o coach?

- Transformar sonhos em realidade
- Estabelecer e alcançar objetivos
- Tomar decisões na sua vida pessoal e/ou profissional
- Aumentar o nível de satisfação na sua vida.

Os benefícios do Coaching são:

- A pessoa transforma-se na pessoa que quer ser
- A pessoa revê seus valores
- A pessoa segura nas mãos as rédeas da própria vida
- A pessoa reserva um tempo exclusivo para dedicar-se a si mesmo e realizar seus projetos de vida.

A pessoa adquire:

- Autoconhecimento
- Autodesenvolvimento
- Esclarecimento
- Confiança em si mesmo
- Segurança em suas ações
- Foco e assertividade
- Motivação
- Novas perspectivas
- Equilíbrio
- Harmonia
- Alegria
- Autocontrole
- Felicidade

Na pesquisa realizada por Butazzi (2011) baseada em seus atendimentos no ano de 2010 até Maio/2011 sobre a mudança no Modelo Mental depois de passar por um processo de Coaching. Os resultados abaixo mostram a porcentagem que os participantes progrediram em relação a estes modelos desde o início e o fechamento do projeto.

- Foco: 83,5%
- Ação: 95%
- Resultados: 75%
- Melhoria Continua: 85%

O objetivo desta pesquisa era demonstrar que o processo de Coaching traz resultados comprovados e seguros quando ocorre a sinergia entre metodologia e a ação humana. Visto que, atualmente precisamos reciclar nossos modelos mentais

e também nos atualizar constantemente para acompanhar a velocidade do mercado profissional, o desenvolvimento das pessoas e a atuação da nossa própria vida.

Medos

Segundo o dicionário Aurélio (2018) a definição de medo é explicada da seguinte forma:

estado emocional resultante da consciência de perigo ou de ameaça, reais, hipotéticos ou imaginários, ausência de coragem, preocupação com determinado fato ou com determinada possibilidade.

Não há processo de Coaching que não esbarre nos obstáculos, por vezes imaginários, que o medo cria. O desafio é reconhecer a presença inconveniente do medo e da ansiedade, que é um medo antecipado e ter uma boa conversa com eles. E quando possível em voz alta. Ora, se a criança que você foi conversa com seus fantasmas, por que você também não pode fazer o mesmo com os medos. Escute o que eles têm para dizer e os confronte (PERSIA; SITA, 2011).

Crenças

Todos nós temos nossos valores e crenças, não só as religiosas. As crenças que temos em relação a nosso potencial podem nos limitar ou nos motivar a crescer. Nesse processo de coaching, faz-se uma reformulação de crenças que possam estar limitando o processo de aprendizagem, liberando, assim, o potencial do cliente. O cliente aprende a usar recursos da mente inconsciente e criar “estados de excelência” para acelerar a aprendizagem (PERSIA; SITA, 2011).

Meta

O coach destaca com o cliente a importância de se formular a meta na afirmativa, ou seja, uma meta que defina o que o cliente realmente deseja e não o que ele não deseja. Outro aspecto relevante é formular metas cujas conquistas dependam do cliente e estejam sob seu controle. A meta precisa ser desafiadora e, ao mesmo tempo, poder se tornar real. O cliente descobre quais os impactos que a conquista da meta vai causar em si mesmo, nas pessoas e nos contextos que lhe são significativos.

A grande vantagem de se trabalhar os impactos positivos e negativos é que o cliente pode, antecipadamente, criar estratégias para ultrapassar as barreiras e vencer os possíveis “boicotes” às suas metas (PERSIA; SITA, 2011).

Valores

Segundo a visão de Bateson (1972, apud Ciociorowski, 2011), valor é a base das nossas escolhas e está no nível lógico da mente no que ele chama de inconsciente, tornando-se a fonte da motivação e do comprometimento.

O que podemos observar hoje é uma verdadeira crise de valores na sociedade, resultado na nossa sociedade, resultado de um profundo sonambulismo das pessoas que não entram em contato com seus valores e se baseiam apenas nos valores externos da mídia, da cultura, da modinha barata e descartável.

Na medida que trazemos nossos valores mais profundos para nossa consciência, passamos a fazer nossas escolhas de maneira mais fácil, além de valorizarmos mais aquilo que temos em vez de lamentarmos aquilo que não temos (PERSIA; SITA, 2011).

O objetivo deste artigo foi analisar os benefícios do Coaching através da transformação que pode ser feita na vida de uma pessoa relacionando com mito de Perséfone.

2 RELATO DO CASO

História da Coachee

A.C.T.L, nascida em 05/07/1982 (36 anos), é a filha mais velha, tem um irmão e uma irmã caçula, o pai é aposentado e a mãe do lar, sendo que no passado trabalhou fora (já atuou como faxineira), no passado trabalhou fora. Aos 6 anos, pode ter sido desencadeada a diabetes devido a morte do avô materno e da relação forte que a cliente tem com a mãe e com toda a família. A coachee é uma pessoa que tem uma habilidade incrível de relacionar-se com pessoas, de comunicação e doar-se, por um outro lado, mostra-se insegura, dependente e com dificuldades de dizer não. É formada em Administração com ênfase em Marketing e pós-graduada em Marketing na FGV, e trabalhou por 7 anos na empresa *Tray company*, desligou-se dessa

empresa em agosto de 2016 e no ano seguinte em meados de Abril de 2017 foi estudar e morar na Austrália.

Recentemente, fez o curso preparatório para Cambridge FCE e trabalha 4 horas por dia, como clean (limpeza), estuda e tem um relacionamento sério com um australiano.

Iniciou o processo de coaching no dia 27/04/2016, tinha dois objetivos claros: voltar a dirigir e morar no exterior. Durante os encontros foram trabalhados: os medos existentes, suas crenças, valores, e sua meta estava bem definida.

Ferramentas de análise

As ferramentas e os processos visam aumentar o autoconhecimento e a auto eficácia, para que a pessoa possa superar a ambivalência existente em todo processo de mudança e estabelecer passos seguros, para que possa avançar com maior engajamento para uma melhoria da vida e pleno funcionamento (PERSIA; SITA, 2011).

A Sociedade Brasileira de Coaching dispõe das melhores ferramentas, segue algumas delas que foram utilizadas: Roda da Vida, Ganhos e Perdas, Ensaio Mental. Também foi realizada a Grafoanálise com o objetivo de levantar os 4 temperamentos e identificar o temperamento dominante da cliente para seu autoconhecimento.

3 DISCUSSÃO

O comprometimento, a dedicação, o esforço e a superação de suas crenças limitantes foram fundamentais para chegar no resultado. Na penúltima sessão, a cliente comprou um carro e voltou a dirigir, logo em seguida desligou-se da empresa, isso a impulsionou para viajar e conhecer a Austrália.

Portanto, concluímos que o medo existia, porém mudanças em padrões habituais de comportamento ocorrem somente se há suficiente apoio do meio e força de vontade de quem quer mudar.

O processo de coaching, proporcionou o desapego excessivo com o núcleo familiar, onde ela pode olhar para dentro de si, para seus desejos, vontades, sonhos, permitindo a separação e fomentando seu processo de individuação.

O processo de Coaching e a relação com o mito de Perséfone

Figura 1: História de Hades e Perséfone



Fonte: TURANDOT & JOÃO42K, 2018.

O Mito

Para compreender a filha é necessário estudar a mãe. Deméter, Deusa e mãe da terra cultivada, foi forçada por Zeus a unir-se a ele, numa paixão unilateral, da qual nasceu a bela Perséfone. A ligação entre as duas era não apenas muito íntima, mas também, por vezes, simbiótica: a jovem vivencia-se como “filha da mãe” a grande Mãe tão cultuada por todos os helenos, Deusa -Terra.

Hades ou Plutão – o Senhor do Mundo das trevas movido pela paixão, sequestra Perséfone e este rapto provocará em Deméter uma profunda dor. Brandão (1996) refere que Demeter é a terra rasgada pela Charrua patriarcal, em cujo seio ferido será plantada a semente, mas Perséfone, o novo fruto, será raptada e levada para as trevas estéreis do Hades. Escondida contra sua vontade no Mundo psíquico da escuridão, este também localizado no interior da terra, ou seja, no seio da própria mãe-terra ou Demeter. Perséfone inicia seu processo de individuação, longe da proteção materna.

No Hades, Perséfone raptada e violentada, deprime-se. Atravessa um longo processo de amadurecimento psicológico e transforma-se em Perséfone uma deusa madura, como esposa de Hades e rainha dos mortos, mas sempre pronta a atender a quantos dela necessitaremos, segundo a bela análise de Brandao (1996).

A Personalidade

Perséfone representa a mulher jovem e ingênua que amadurece pelo sofrimento, se fortalece e como senhora dos infernos auxilia a travessia de outros heróis e heroínas como Psique em busca de Eros. O Mito de Perséfone possibilita diversos níveis de interpretação: nosso enfoque abordará o rito de passagem, a separação necessária ao indivíduo das figuras e meios que aliviam patologicamente a angústia psórica existencial, através da passiva submissão auto-enganosa ao “outro-mágico” protetor (ANTOLINI, 2006).

A perda da inocência ao ser sequestrada da superfície da terra – território de sua protetora mãe Demeter pelo Senhor do Infernos contribui para o encontro com a própria sombra: dolorosa experiência necessária ao amadurecimento individual e ao processo de individuação. Segundo Jung (1982) individuação significa tornar-se único, na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo.

Em conferência proferida em 2003, Bauer reflete sobre a inocência extrema de Perséfone, de forma simbólica: o mundo só possui o lado luminoso, primaveril e bom. Tudo o que é preciso fazer não perder este ao “este estado de graça” é estar submissamente sobre a proteção de uma mãe poderosa, é possuir uma ausência de busca pela completude, é deixar-se conduzir – nostalgia do paraíso perdido, no qual a ausência de autonomia era “compensada” pela ausência de insegurança, de desamparo e de abandono (sintomas de Psora), onde se podia brincar sobre os campos floridos como Perséfone.

A experiência de Perséfone com o lado trevoso e infernal da existência – o Hades transforma-a de criança dependente (Core) em mulher resiliente, adquirindo o novo nome de Perséfone (ANTOLINI, 2006). Torna-se uma deusa

experiente que reina sobre os mortos e guia os vivos quando visitam o mundo das trevas (ANTOLINI, 2006).

Para Antolini (2006) O mito começa no paraíso, mas ele nos diz que o movimento da vida depende da emergência da sombra, do Hades, este ser negro que põe fim ‘as nossas ilusões.

Estudo dos sintomas: Abandono, Insegurança e Desamparo

A Psora ou “tsorat” ferida psíquica original proporcionada pela ruptura com o estado simbólico paradisíaco pode traduzir-se por sentimentos de abandono (“E agora, quem vai me amar incondicionalmente?”), insegurança (“Serei capaz de sobreviver e conquistar o que necessito?”), e desamparo (“Sem um pai e uma mãe poderoso para me proteger, o mal pode me aniquilar, o que será de mim?”)

Reflexões sobre o mito

Hillman (2004) em sua obra “Encarando os Deuses” ressalta o valor do mito pessoal para que o terapeuta compreenda o processo psicodinâmico da paciente, esse processo, em linguagem homeopática é denominado Dinâmica Miasmática. Perséfone, ao permanecer com os pés no Hades, mantém-se em contato com a obscura profundidade de sua própria alma, mas reconectada de forma amadurecida e não mais simbiótica a Terra Mãe Deméter. Assim, para a produzir flores e frutos em sua própria terra psíquica, na superfície do mundo (HILLMAN, 2004), cumprindo, desta forma, sua jornada evolutiva de forma harmoniosa e equilibrada.

Segundo um dos fundamentais Paradigmas Homeopáticos atuais, a cura da Psora não é possível, visto que a angústia existencial é condição inseparável do existir. Contudo, quando percebemos que ao enxergar-se com profundidade a natureza, a vida que se renova acima do solo assume um significado mais intenso sob a terra BERRY (2003), os meses que Perséfone passara na terra com sua mãe Demeter significarão alegria, flores e abundância, mas o seu retorno ao submundo do Hades, o contato com a sombra, ambiente assustador, são necessários como contraparte das experiências necessárias à mutação psíquica. A Psora latente sempre

permanece e é necessário aceitar que a segurança absoluta não existe e que pode, até mesmo, impedir a vida (BAUER, 2003).

Com relação à analogia entre a coachee e o Mito de Perséfone, esclarece que este mito aparece na história da cliente que tem uma relação forte/simbiótica com a mãe no qual não se evolui, não se amadurece, não se permitindo a transformação de jovem para mulher. Durante o processo de Coaching houve um fortalecimento, amadurecimento, encorajamento no seu desenvolvimento na busca de seus sonhos sendo necessário a separação da mãe para realização do mesmo, experiência necessária ao amadurecimento individual e ao processo de individuação. Lembrando que todos os anos Deméter se encontra com a filha e se despede dela, causando as mudanças nas estações (ALEXANDER, 2013)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho foi identificada a importância do processo de coaching na vida de uma pessoa, pois as consequências de um processo bem vivido, com comprometimento de ambas as partes: coach e coachee, acompanhamento, ações colocadas em práticas, podem trazer excelentes resultados. No estudo de caso foi evidenciado que a coachee tinha o desejo de voltar a dirigir um carro e o sonho de morar fora do Brasil.

Conforme mencionado anteriormente, o objetivo deste trabalho foi evidenciar o retorno do investimento na transformação do ser humano, pois com incentivo, motivação, força de vontade, determinação, trabalhar as crenças limitantes, podemos alcançar coisas extraordinárias em nossas vidas, superando nossas limitações.

A proposta do processo de *coaching* é fazer com que o coach trabalhe as habilidades do cliente para que ele conquiste seus objetivos, criando consciência, produzindo motivação, revelando e aprimorando talentos e desempenho. Durante todo o processo, o coach trabalha com quatro premissas: Foco, Ação, Resultados e Melhoria Contínua.

A relação que podemos fazer entre a coachee e o mito é que ACTL inicia seu processo de individuação, longe da proteção materna, cria coragem e

realiza seu grande sonho, morar fora do Brasil, mudou para Austrália, está aperfeiçoando o inglês e no futuro busca ser reconhecida profissionalmente.

O coach faz com que a pessoa veja os problemas como novos desafios, concentra-se no ponto em que seus clientes estão hoje, nas suas metas e no que estão fazendo para conquistá-las. Atualmente o processo de desenvolvimento *em coaching tem sido uma ferramenta de grandioso valor no qual nos faz sair da zona de conforto e enfrentar os desafios alcançando resultados desejados.* A fórmula matemática do coaching é: METODOLOGIA + AÇÃO = RESULTADOS. Além das técnicas, clareza no objetivo, estimular gente para realizar o sonho é necessário a pessoa estar motivada (motivo a ação) e comprometida com o processo.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Heather, *Mitologia Grega: uma introdução para crianças*. São Paulo: Panda Books, 2013.

ANTOLINI J.L Contribuições do Mito de Core Persfone ao Estudo dos Sintomas Psóricos: “Abandono”, “Insegurança” e “Desamparo”, 2006

BRANDÃO,J. - In: *Mitologia Grega* - Volume 1- Ed Vozes, Petrópolis, RJ, 1996

BUTAZI, M O bê a bá do Coaching de vida. 2011. In. PERSIA, Andre; SITA, Mauricio. *Manual Completo de Coaching*. São Paulo: Editora Ser Mais, 2011.

CIOCIOROWSKI, Emerson. Coaching centrado em valores e talentos, 2011.In. PERSIA, Andre; SITA, Mauricio. *Manual Completo de Coaching*. São Paulo: Editora Ser Mais, 2011.

HILLMAN James, *Encarando os Deuses*, 2004

JUNG Gustav Carl, *O Eu e o Inconsciente*, 2015

JUNG, C. G. Aion: *Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1982.

PERSIA, Andre; SITA, Mauricio. *Manual Completo de Coaching*. São Paulo: Editora Ser Mais, 2011.

STEFANO, Rhandy Di, *O Líder-Coach*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005

TURANDOT & JOÃO42K, *História de Hades e Perséfone*. Spirit. Agosto 2018. Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/contos-de-hades-e-Perséfone-10099971>>. Acesso em 11 nov de 2018.

EGO&SELF – Amor e Ódio no estudo de caso

Alessandra Faria ROSSI¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo de caso e sua trajetória no processo de análise à luz da Psicologia Analítica. Amor e ódio no estudo de caso, resulta no desenvolvimento da personalidade de tomar consciência e se apropriar do que se é, o que muitas vezes, irá conjugar uma relação de amor e ódio em relação a si mesmo, aos outros e a vida. Uma trajetória a caminho da integração do eixo Ego/Self se faz necessário para o bem-estar emocional.

Palavras-chave: Autoconhecimento. Processo de individuação. Eixo ego-self. Sombra. Persona.

¹ Pós Graduanda na Escola de Formadores IATES, Especialista em Formação Humana, Graduação em Psicologia pela UNIMAR, .Psicóloga Clínica e Institucional na Formação Presbiteral. Membro da CCEJ há 15 anos. E-mail: alessandrafrossi@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentamos como instrumento de ampliação do estudo de caso, alguns conceitos de Carl. G. Jung e outros autores da psicologia analítica. O próprio tema do trabalho nos sugere a ambivalência de sentimentos. A ambivalência afetiva que surge em situações de conflito e tensão entre os opostos - consciente (ego) e inconsciente (Self), persona (externo) e sombra (interno), o que se deseja ou o que se teme. Entenderemos aqui os conceitos: SELF - Totalidade da psique/ é flexível/ centro regulador/ olha para dentro/ entendimento (o que não é assimilado volta para o inconsciente) / necessidade de ser conhecido pelo ego em sua totalidade

INDIVIDUAÇÃO: Diferenciar-se do outro/ do coletivo/ ser único/ individual/ acontece na relação com si mesmo.

PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: Ocorre na relação com si mesmo, com o outro/ com o mundo.

EGO – Parte da totalidade da psique/ é rígido/ olha para fora/ compreensão (é a integração de conteúdos inconsciente no consciente) / vai tentando identificar o que vem do Self/ recolhe as projeções/ faz a autorregulação e transforma a forma de ver/ atualiza o conceito/ faz sentido/ integra.

INTEGRAÇÃO EIXO EGO-SELF: Quando há comunicação harmoniosa do ego com o Self, quando há compreensão dos conteúdos inconscientes que foram assimilados na consciência.

A terapia nos permite e oferece a oportunidade do autoconhecimento, o processo ocorre a partir de nossas experiências internas e pessoais nos faz experimentar muitos sentimentos. “Não há progresso sem contrários. Atração e Repulsão, Razão e Energia, Amor e Ódio, são necessários à existência Humana”. (BLAKE, [1986], p.26). Vamos começando a percebê-los mais presentes e intensos.

Para que ocorra o que JUNG chamou de processo de individuação – que visa uma transformação da pessoa, é essencial individuar-se, se diferenciar do coletivo, do outro, para ser único, singular. É um caminho árduo e difícil, uma tarefa para toda a vida. “Para JUNG, a individuação é um processo psíquico natural e um modelo para seu método de tratamento. Faz parte de cada etapa do caminho de individuação o confronto com a sombra, bem como a relação com as imagens

anímicas anima e animus e, finalmente, o encontro com o Self como centro da pessoa como um todo” (HARK (Org.), 2000, p. 73-74). A unidade consciente (ego) progride aos poucos pois, os conteúdos do inconsciente (Self) vão sendo assimilados gradativamente a medida que os conflitos vão surgindo pelo confronto dos opostos. Quando há uma comunicação harmoniosa do ego com o Self podemos dizer que a conexão – eixo ego/Self – foi restabelecida. Uma vez restabelecida esta conexão não significa trabalho encerrado, pelo contrário, ainda há elementos da personalidade que precisam ser assimilados, elementos recalcados pela sombra.

“A princípio a ampliação da consciência é revolta e escuridão, e depois uma expansão do homem para o homem como um todo”. (JUNG apud BLAKE, [1986], p.86).

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo de caso e sua trajetória no processo de análise à luz da Psicologia Analítica, além de apresentar um caso na psicologia o trabalho tece teoria e prática com o objetivo de descrever o conhecimento e evolução do caso.

2 RELATO DE CASO

2.1 Identificação do cliente

Cliente: R.F.A

Idade: 48 anos

Sexo: Feminino

Estado civil: Solteira

Escolaridade: Superior completo

Profissão: atua na área da saúde

Período de terapia: 2001 a 2017.

2.2 Queixas Iniciais

Sentimento de rejeição, projeção e dificuldade de diálogo com a mãe.

Quer entender porque algumas coisas não dão certo em sua vida.

2.3 Histórico do caso

A cliente iniciou o processo terapêutico e a medida que as sessões se realizavam e a mesma relatava sobre sua vida e dificuldade de relacionamento com a mãe, se fez necessário ir em busca de sua história. Ao longo do processo terapêutico, a cliente precisou conversar com a mãe sobre o início de sua vida. Soube que seus pais namoraram por quatro anos e se casaram. O pai se casou aos 34 anos e a mãe aos 20 anos. Em seguida do casamento, após alguns dias, a mãe ficou grávida. A cliente é a filha primogênita e tem duas irmãs. A gestação de R.F.A foi normal até o sexto mês, foi feito o pré-natal. No sexto mês, a mãe teve apendicite aguda e foi operada. Continuou com muita dor, vômito, diarreia por vinte e três dias e o médico não sabia mais o que fazer, deu um remédio abortivo e a mãe tomou sem saber. No segundo dia que tomou o remédio, foi a casa de sua mãe e subiu num barranco que desmoronou causando uma queda, ela caiu de pé, o que possivelmente causou um impacto forte em seu corpo pois, a bolsa rompeu dando início ao processo de nascimento. Foi para o hospital, chegando, já fez parto cesárea de emergência e quando o médico abriu levou um susto, o abdômen dela estava todo tomado por infecção, teve peritonite. O parto foi realizado, porém, mãe e filha não tinham muita chance de vida, tiveram que aguardar as próximas 72 horas para sair do perigo. Felizmente, ambas sobreviveram. A cliente nasceu com 46 cm pesando 1.525kg. Ficou na incubadora durante quarenta e cinco dias, perdeu peso e seus pais iam visitá-la todos os dias. Após este período, a bebê teve alta e foram para casa. Completando um mês de seu nascimento, ficou desidratada (excesso de cuidado), voltou para o hospital e ficou internada por quinze dias. Devido a todo este histórico, achavam que a criança não sobreviveria então, fizeram o batizado no hospital, mas ela volta para casa e a mãe relata que era muito “miudinha”, “raqútica” na expressão usada pela mãe. Aos seis meses ela convulsionou e tomou gardenal por um ano. Quando completou seu primeiro ano de vida, tinha a aparência de uma criança de cinco meses. Foi desenvolver bem depois dos dois anos de idade. A mãe não amamentou e diz que a cliente demorou para andar, falou logo e não gostava de usar fraldas. Sua infância foi normal. Na escola teve dificuldade no primeiro ano, mas nunca reprovou. Era tímida, tinha dificuldade de se relacionar, mas quando fazia amizade, era duradoura. De criança obediente, boazinha, filha que não dava trabalho se torna uma jovem rebelde, festeira, sai de um oposto e vai para outro e depois na vida adulta precisa

buscar o equilíbrio dos opostos. Aos 32 anos de idade, sai de casa e vai morar sozinha, depois de um ano seu pai vai a óbito. E a vida segue com suas vivências e experiências pessoais e coletiva. Seu processo de individuação acontecendo no seu dia a dia.

2.4 Aspecto inter-relacional da cliente

2.4.1 Relação familiar

Relação difícil com a mãe, pouco diálogo e se sente rejeitada por ela.

A relação com suas irmãs também era difícil, brigavam bastante.

Sentia-se rejeitada pela mãe e amada pelo pai.

2.4.2 Relação amorosa

Começou a namorar quando estava próximo de completar 15 anos de idade. Teve vários namorados, mas não chegou a firmar nenhum compromisso mais sério como o casamento. Geralmente, ela que terminava os namoros.

2.4.3 Trabalho

Se formou e é bem-sucedida em sua profissão, atuando e se dedicando integralmente a ela. É uma pessoa realizada profissionalmente, um casamento que deu certo.

3 DISCUSSÃO

Para desenvolver este trabalho se faz necessário refletir sobre alguns conceitos e definições da psicologia analítica. Vamos analisar o caso a partir de alguns aspectos da psicologia analítica: a rejeição, a projeção, par de opostos persona e sombra num processo de individuação para a assimilação de conteúdos inconscientes para a integração do eixo Ego – Self.

A rejeição que a cliente sentia pela mãe durante seus 28 anos de idade só é compreendida quando começa de forma mais intensa a se relacionar com

o seu inconsciente - a sombra (realidade interior), é um choque de realidade pois, até então responsabilizava a mãe por tudo que não dava certo para ela, ainda vivia muito uma realidade consciente - a persona (realidade exterior). A rejeição na verdade era interna e ela projetava no mundo externo, projetando na mãe e em situações vividas. Ela sentiu a rejeição durante sua gestação. Ela buscava a perfeição em tudo para ser aprovada pela mãe e por todos. Não tinha consciência que ela é quem rejeitava tudo e todos. A tarefa no processo terapêutico foi aprender a se responsabilizar por si mesma, a reconhecer seus sentimentos, a se valorizar e a retirar a projeção. Foi quando se confrontou com sua sombra, doeu muito reconhecer em si mesma o que negava. Ela se desenvolveu de modo unilateral - desenvolveu o intelecto e isso prejudicou o humano.

Aqui temos o par de opostos – persona e sombra.

No decorrer do desenvolvimento psicológico adequado, é necessário que ocorra uma diferenciação entre o ego e a persona. Isso significa que temos que nos tornar conscientes de nós mesmos enquanto indivíduos separados das exigências externas feitas em relação a nós, temos de desenvolver um senso de responsabilidade e uma capacidade de julgamento não necessariamente idênticas aos padrões e expectativas externas e coletivas. (WHITMONT, [1991], p.31).

Persona escreve Jung em Tipos Psicológicos: “Por persona entende-se o que a pessoa parece ser a si própria e o que parece aos que a cercam, mas não o que ela é”. É uma falsa imagem global e esquemática que a pessoa forma a seu próprio respeito ou da sua própria essência" (CABRAL; NICK, 1995, p.270).

Para descrever e definir o conceito de sombra Jung parte da experiência humana em geral, do fato que não temos apenas lados bons e luminosos, mas também sombrios. Por sombrio, entendem-se aqui, todos os traços obscuros do caráter e os aspectos sombrios da personalidade [...]. Fazem parte da sombra todas as porções reprimidas, inferiorizadas e culposas de uma pessoa, porções que, até então, dominavam de modo inconsciente e ansiavam pela integração à consciência [...]. A conscientização da sombra não é uma tarefa importante apenas na fase inicial do trabalho de psicoterapia analítica. Mais que isso, é uma tarefa para toda a vida do ser humano [...]. Se esses lados obscuros do ser não são percebidos, ou são bloqueados radicalmente, podem separar-se da totalidade da pessoa e tornar-se complexos autônomos, que acabarão por causar uma neurose. (HARK (Org.), 2000, p.122).

Miller [1990], oferece cinco caminhos eficazes para observarmos a composição da nossa sombra na vida cotidiana: "(1) pedir que os outros nos digam como nos veem; (2) descobrir os conteúdos de nossas projeções; (3) examinar nosso "lapsos" verbais e de comportamento e investigar o que realmente acontece quando somos vistos de modo diferente do que pretendíamos; (4) analisar nosso senso de humor e nossas identificações; e (5) estudar nossos sonhos, devaneios e fantasias" (MILLER, 1990, p.60-61).

A retirada da projeção, que é justamente a exteriorização dos conteúdos psíquicos internos, inconscientes e reconhecer que muitas das dificuldades, frustrações e decepções precisam ser conscientizadas pelo indivíduo é um processo lento e doloroso necessário para a integração, ou seja, a compreensão de si mesmo. Até chegar a integração, ego e Self travam uma "guerra", daí uma relação de amor e ódio, é experimentar a dor psíquica da consciência num primeiro momento, depois a integração à consciência dos conteúdos da sombra e da personalidade rumo a totalidade do ser.

Outros acontecimentos na história de vida da cliente que é relevante para o seu processo de individuação em psicoterapia é a saída de casa para morar sozinha e após um ano a morte do pai. Foram dois acontecimentos em sua vida que a afetou muito. Em processo de adaptação ambiental, social e psíquica de sua saída de casa, vem a morte do pai. Na época ela estava com 32 anos. Fase em que psicologicamente, se vive a metanóia, a segunda metade da vida, a partir dos 35 anos e antes a primeira metade da vida do nascimento até os 30, 35 anos. Ela vive um caos psíquico, que a desorganiza tanto internamente como externamente. Sua vida passa por um processo de reavaliação. O luto do pai é assimilado no período de um ano através de uma sequência de sonhos e então, a vida psíquica e pessoal começa a se organizar novamente.

No passado de cada um de nós está o inconsciente, o que Jung chamou nossa herança do inconsciente. O crescimento da consciência na primeira metade da vida é o crescimento do ego. A criança que, pela primeira vez, de maneira primitiva, começa a reconhecer pessoas e coisas fora dela mesma, começa a finalmente a falar de si mesma na primeira pessoa. No princípio de um outro estágio de desenvolvimento do ego (transição da adolescência), o jovem, saindo do útero psíquico do meio ambiental inicial, depara-se com uma confusão de problemas e de valores conflitantes. Ele faz sua escolha entre aqueles ideais, convicções, atitudes, ideias-guias e sonhos, e parece transformar-se neles, na medida em que a atenção é focalizada nas conquistas, na utilidade e na abertura de seu caminho no mundo. O consciente parece identificar-se com esse ego que a pessoa está construindo

para os próximos trinta e cinco a quarenta anos. A pessoa é designada basicamente pelo mundo exterior durante a fase de adaptação. Novamente, na meia-idade, uma mudança expressiva parece estar sendo preparada para a psique humana. Dessa vez, porém, o chamado para a transformação vem de dentro [...]. É como se uma nova segunda personalidade começasse a emergir. O ego para o centro. O si-mesmo começa a substituir o ego em sua função central. Esse arquétipo dos arquétipos abraça a personalidade consciente bem como a inconsciente. Individuação significa tornar-se o próprio si-mesmo. Esse movimento em direção à integridade é a aventura particular da segunda metade da vida. O florescimento do si-mesmo começa no inconsciente. O si-mesmo abrange todos os potenciais não desenvolvidos, toda uma vida não vivida, de modo que agora é muito mais uma vida que flui de dentro do que a continuação de uma adaptação ao mundo externo [...]. Jung vê o ideal da segunda metade da vida mais alto, como sendo o desenvolvimento de uma consciência mais alta, como sendo o desenvolvimento mais pleno da psique e da personalidade. (BRENNEN; BREWI, 1991, p 66-68).

Para visualizar de forma mais objetiva o processo que foi vivenciado em terapia apresentamos o caminho percorrido durante todos os anos de análise na busca do saudável equilíbrio da psique, necessário ao desenvolvimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos analisar, a psicoterapia é um longo caminho a percorrer, tanto para o cliente quanto para o terapeuta. Nesta trajetória do autoconhecimento, vamos em busca de conhecer a nossa história de vida e de se reconciliar com ela. É um trabalho árduo, difícil e para toda vida.

Num primeiro momento quando começa a ter consciência da responsabilidade que é preciso ter por si mesmo, pela sua história, pelas suas escolhas e que não dá mais para culpar ninguém, não dá mais para ter um bode expiatório e que você precisa se assumir diante da sua vida, é um choque de realidade, uma dor psíquica, um sofrimento angustiante.

Tudo aquilo que negamos, que não conhecemos em nós mesmos nos faz mal, não é assimilado e muitas vezes, aparece como negações e projeções, porém, quando aceitamos quem somos e as vivências da nossa vida, podemos então, transformar a forma como vemos e significamos os acontecimentos transformando nossa consciência e integrando nosso ser.

Ter consciência de si mesmo é o meio de retirar as projeções e se responsabilizar pela pessoa que se é, fazer nosso trabalho que implica em aceitar a responsabilidade, de retirar as nossas projeções e engajar num diálogo com o mundo

interno. Durante sua vida, você constrói uma imagem de si mesmo e acredita por longos anos que ela é tudo e, de repente, um belo dia, ela se quebra, se desfaz, você se descobre e vê outros aspectos de sua personalidade, de potencialidades e de fracassos e é preciso reconhecer tudo isso em si mesmo. Dá um desespero, uma vontade de sair correndo e não dá, pelo contrário, você precisa cuidar de tudo isso.

Assim, o objetivo de apresentar um estudo de caso e sua trajetória no processo de análise à luz da Psicologia Analítica é então concretizado e visto na sua relevância pelo momento de ampliar a consciência, onde é verificado momento de dor, de escuridão, de confusão, de raiva, de ódio e, aos poucos, gradativamente a pessoa vai encontrando entendimento, ela vai processando as informações que vem do inconsciente, conteúdos da sombra até o momento ignorados, negligenciados e que agora pedem atenção.

Esta é a nossa jornada e à medida em que vamos ampliando nossa consciência e vamos nos tornando íntimos de nós mesmos e percebendo que a vida acontece num movimento interno e externo e que conseguimos dialogar com tudo que vamos aprendendo sobre nós mesmos e com o mundo externo, o processo vai dando lugar a aceitação, a uma relação de amor com o que somos, com que podemos ainda ser.

Podemos dizer, que a cliente conseguiu em vários momentos, situações e vivências a integração do eixo ego-Self. As queixas iniciais foram sendo sanadas, outras apareceram durante o processo de análise. Por fim, o processo de individuação continua hoje e todos os dias de nossas vidas, integrando e desintegrando, que a jornada da vida psíquica possa ser uma aventura a ser desbravada. A primeira tarefa da vida é descobrir quem você é, e a segunda, é ser feliz com quem você encontrou!

REFERÊNCIAS

- BLAKE, William. *O Encontro com o Self: um comentário junguiano sobre as "Ilustrações do Livro de Jó"*. São Paulo: Cultrix, [1986]. (Estudos de Psicologia Junguiana por analistas Junguiano).
- BRENNAN, Anne; BREWI, Janice. *Meia-idade e vida: oração e lazer, fontes de novo dinamismo*. São Paulo: Paulinas, 1991. (Amor e psique).
- CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. *Dicionário Técnico de Psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- HARK, Helmut (Org.). *Léxico dos conceitos Junguianos fundamentais: a partir dos originais de C. G. Jung*. São Paulo: Loyola, 2000.
- HOLLIS, James. *A Passagem do meio: da miséria ao significado da meia-idade*. São Paulo: Paulus, 2015. (Amor e psique).
- HOLLIS, James. *Os Pantanaís da alma: nova vida em lugares sombrios*. São Paulo: Paulus, 1998. (Amor e psique).
- JUNG, C. G. *Aion: estudo sobre o simbolismo do si-mesmo*. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Obra Completa de C. G. Jung, v.9/2).
- JUNG, C. G. *O Eu e o inconsciente*. 27. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Obra Completa de C. G. Jung, v.7/2).
- JUNG, C. G. *O Homem e seus símbolos*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, C. G. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1978. (Obra Completa de C. G. Jung, v.7/1).
- JUNG, C. G. *Sobre sentimentos e a sombra: sessões de perguntas de Winterthur*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MILLER, William A. O Encontro da sombra na vida cotidiana. In: ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (Orgs.). *Ao Encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, [1990].
- WHITMONT, Edward C. Persona: máscara que usamos para o jogo da vida. In: DOWNING, Christine (Org.). *Espelhos do Self: as imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. São Paulo: Cultrix, [1991].

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS

A revista Jung Marília (RJM), é uma publicação da Clínica e Centro de Estudos Junguiano (CCEJ), de periodicidade anual que tem por finalidade a divulgação científica de manuscritos originais visando compartilhar o conhecimento científico de temas referentes à psicologia analítica e sua relação com áreas afins.

Os manuscritos, em forma de ensaios científicos, artigos de revisão, estudo de caso e/ou resenhas, devem ser submetidos às normas de publicação e encaminhados ao e-mail da Revista revistajungmarilia@gmail.com

Para maiores informações sobre as Normas de Publicações, acesse o site da CCEJ <https://www.ccej.com.br/revistajungmarilia>